

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PABLO VINÍCIUS DE OLIVEIRA GARCIA

**O SER DIAGNOSTICADO COM LER/DORT E A VIVÊNCIA NO
TRABALHO**

SÃO PAULO
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
PABLO VINÍCIUS DE OLIVEIRA GARCÍA

**O SER DIAGNOSTICADO COM LER/DORT E A VIVÊNCIA NO
TRABALHO**

Trabalho elaborado para disciplina de Projeto de Pesquisa do curso de Psicologia da Faculdades de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. João Pedro Perosa

SÃO PAULO
2021

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar a leitura do trabalho, gostaria de dedicar um espaço para agradecer e expressar alguns dos sentimentos que foi tê-lo feito, ainda mais durante uma pandemia. Em meio a uma situação tão difícil e desastrosa no país, acredito ser importante ter um momento para falar daqueles que estiveram perto da produção de uma ideia. Aparentemente podemos não achar ter grande relevância agradecer a um trabalho, mas acaba por significar muito em tempos como esse que vivemos.

Inicialmente, quero agradecer à minha companheira de vida, Gabriella Barros, por sempre me tranquilizar nos períodos mais difíceis, em estar junto das discussões sobre o tema nos momentos em que os pensamentos ficam nebulosos. Por mostrar que em alguns instantes não conseguir produzir está tudo bem, pois o que acontece no mundo merece nossa atenção e que a sanidade pode ser mais importante do que o simples fazer de uma página do trabalho.

Agradeço principalmente aos professores da PUC-SP e da Escola da Vila que fizeram parte não apenas deste trabalho, mas da minha formação, até porque muito do que escrevi diz respeito a todo o percurso do ensino escolar e acadêmico. O professor adjunto de economia política da urbanização da Unifesp e autor do livro “Sertão, Sertões” (2019), Gustavo Prieto, com o qual eu tive a oportunidade de ter aula na escola e que proporcionou o primeiro contato com o filme “Carne e Osso” (2011). Sem a sua determinação e o olhar constantemente crítico ao mundo, provavelmente o tema da saúde do trabalhador não estaria percorrendo por tanto tempo comigo. A professora da PUC-SP Marilda Ribeiro, com a qual eu tive aula no núcleo de educação, foi minha primeira orientadora no projeto de pesquisa e me ajudou com as minhas indecisões temáticas e vícios de escrita.

A professora da PUC-SP e parecerista deste trabalho, Renata Paparelli, com a qual tive a oportunidade de ter aula no núcleo de trabalho na disciplina saúde do trabalhador. Foi em uma de suas aulas que ocorreu a retomada do filme “Carne e Osso” (2011), além de ter me apresentado muitas questões intrigantes e essenciais do campo. Graças aos encontros semanais, foi possível que o tema deste trabalho se tornasse o que agora ele é. Os textos, os participantes trazidos às aulas e as discussões em sala eram impulsionadores para se pensar numa psicologia que tivesse o trabalhador como foco. A demonstração da necessidade de refletir sobre a doença ocupacional me preencheu, e proporcionou o meu interesse sobre este tema.

Gostaria de agradecer ao professor da PUC-SP e doutor João Pedro Perosa, meu orientador deste trabalho e com quem eu tive aula de Epistemologia I. Sua participação possibilitou muitos caminhos para este trabalho que muitas vezes encontrava-se perdido. Seu conhecimento sobre fenomenologia foi enriquecedor e primordial para um aluno como eu que estava tão distante da fenomenologia. Foi de grande relevância ter realizado um trabalho utilizando-se do pensamento fenomenológico. É preciso também agradecer profundamente a sua compreensão e paciência, pois foram importantes não apenas para o trabalho, mas para o aluno que sou. Em meio a uma situação pandêmica recheada de notícias densas e tristes, é preciso ter um cuidado do qual às vezes esquecemos. E o seu cuidado, mesmo distante, esteve presente em todo o processo. Obrigado.

Gostaria de dedicar também um espaço de agradecimento ao Lucas, meu terapeuta, que com seu jeito único de ser, me ajudou a repensar numa fenomenologia mais abrangente, de não permanecer na tradicionalidade, a me incentivar ao risco de errar e acertar. Além de me lembrar da importância de se orgulhar do próprio trabalho.

Título: O ser diagnosticado com LER/Dort e vivência no trabalho

Autor: Pablo Vinícius de Oliveira García

Orientador: João Pedro Perosa

Ano: 2021

RESUMO

As lógicas de organização do trabalho ao longo da história proporcionaram uma diversidade de doenças ao trabalhador, permeando diversas categorias profissionais. No caso do operário de fábrica, é nítido as complicações que surgiram com o tempo e que afetam a saúde do empregado. Ambientes de trabalho insalubre, jornadas de trabalho extensas, materiais de trabalho precários, exploração da mão de obra etc., são algumas das causas para a expressão do fenômeno das Lesões por Esforço Repetitivo/Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. A LER/Dort torna-se presente na vida do trabalhador por prejudicar uma de suas principais possibilidades de sustento, o próprio corpo. E assim como outras doenças do trabalho, as dores das LER/Dort podem se tornar crônicas, deslocando o sofrimento para fora do ambiente laboral. Desta forma, a partir da abordagem fenomenológica, o intuito deste trabalho foi resgatar as entrevistas do documentário “Carne e Osso: o trabalho em frigoríficos” (2011) para compreender o sofrimento da pessoa quando diagnosticada com LER/Dort. Buscou-se analisar como a pessoa diagnosticada percebe os impactos que o trabalho teve na existência e as formas de manifestação da LER/Dort diante da atividade laboral que consequentemente afetaram a perspectiva destes sobre si mesmos. A partir desta análise, o filme permitiu a compreensão do fenômeno em três categorias: O corpo como ferramenta de trabalho; Corpo desgastado e o corpo doente; Obsolescência desprogramada.

Palavras-chave: trabalhador; sofrimento; LER/Dort

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. MÉTODO.....	15
2.1 O que é fenomenologia.....	15
2.2 Como vamos olhar.....	20
2.3 O que vamos olhar.....	24
3. ANÁLISE.....	27
3.1 Corpo percebido e tido como ferramenta de trabalho.....	27
3.2 Corpo desgastado e o corpo doente.....	37
3.3 Obsolescência desprogramada.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno do trabalho, no decorrer da história, já sofreu diversas alterações em detrimento dos sistemas econômicos, políticos e sociais das épocas. O mundo é regido e organizado por um sistema de modo de produção capitalista que sempre impôs ao ser enquanto trabalhador a violência em diversas dimensões, estando presente dentro e fora do ambiente de trabalho. A venda e a exploração da mão de obra são expressões desta lógica produtiva que impacta na existência do ser. Murofuse e Marziale (2001) apontam para essas rigorosas mudanças no ambiente de trabalho:

“A partir dos séculos XVIII e XIX, houve a consolidação da sociedade industrial e foram introduzidas mudanças substanciais no ambiente, ferramentas, máquinas e equipamentos, jornada, tipo e forma de organização do trabalho. Essas mudanças produziram impactos sobre a vida e a saúde das pessoas e em especial dos trabalhadores.

Assim as transformações introduzidas no mundo do trabalho com o desenvolvimento da informática e da microeletrônica, no século XX, foram acompanhadas de medidas e atitudes que alteraram os procedimentos, instrumentos e relações.” (MUROFUSE; MARZIALE, 2001, p.20).

Essas modificações sofridas no mundo do trabalho a partir do século XIX possibilitaram mudanças nos meios de produção, mas em contrapartida também ocorreram intensificações na jornada laboral que exigiram mais da produção do trabalhador. Logo, apesar da melhora nas condições do empregado, as relações trabalhistas ainda fazem uso da exploração da mão de obra, acarretando no sofrimento. A suposta liberdade de negociação das condições de trabalho não se realiza com os alarmantes índices de desemprego no Brasil atual. Essa desproporção entre postos de trabalho e pessoas que necessitam trabalhar faz com que se submetam a condições penosas de trabalho. Diante de todo este contexto, as decisões do mercado não visam na busca de melhorar essas condições de trabalho.

Essas formas de manifestações do capital provocam impactos à saúde do trabalhador, afetando-o temporariamente (afastando-o do cargo) e/ou definitivamente. Os casos de

empregados portadores de LER/Dort¹ (Lesão por Esforço Repetitivo/Distúrbio Osteomusculares Relacionados ao Trabalho) são inúmeros no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde (2012), além de países como Inglaterra, Japão, países escandinavos, Estados Unidos, Austrália, que viveram de surtos da LER/Dort, o Brasil também passa por uma evolução dessa doença que continua crescendo por conta da enorme carga de afazeres que são submetidas ao empregado. Os impactos desta doença ao trabalhador são:

“(...) danos decorrentes da utilização excessiva, imposta ao sistema musculoesquelético, e da falta de tempo para recuperação. Caracterizam-se pela ocorrência de vários sintomas, concomitantes ou não, de aparecimento insidioso, geralmente nos membros superiores, tais como dor, parestesia, sensação de peso e fadiga. Abrangem quadros clínicos do sistema musculoesquelético adquiridos pelo trabalhador submetido a determinadas condições de trabalho.” (Ministério da Saúde, 2012, p.10).

Para exemplificar a relação entre as manifestações das forças produtivas exacerbadas como causadoras da LER/Dort, Barbosa, Santos e Trezza (2007) realizaram uma pesquisa empírica em Alagoas com trabalhadores diagnosticados como portadores de LER/Dort da Justiça do Trabalho, das varas do trabalho de Maceió. As autoras chegaram à conclusão de que estas doenças são resultados “da superutilização do sistema osteomuscular, instalando-se progressivamente no trabalhador sujeito a fatores de risco técnico-organizacionais.” Sendo assim, a organização do trabalho é amplamente prejudicial ao empregado e representa uma parcela do sofrimento gerado em sua existência, implicando em produções de significados e sentimentos que estão tanto vinculados ao trabalho quanto à doença estabelecida.

Tais significados podem ser encontrados na diversidade de relatos dos empregados presentes dentro dos ambientes de trabalho como empresas, fábricas, áreas de trabalhos considerados insalubres etc. Segundo Chiavegato Filho e Pereira Jr (2004) as categorias profissionais como “bancários, digitadores, operadores de linha de montagem, operadores de telemarketing, secretárias, jornalistas, entre outros (...)” também são alvo da LER/Dort.

¹Ainda há uma grande discussão em volta dos termos LER/Dort. Alguns pesquisadores e estudiosos adotam a LER por considerar a luta dos trabalhadores acometidos pela síndrome (MUROFUSE; MARZIALE, 2001). Enquanto a utilização da terminologia Dort tem como objetivo não apontar as causas definidas e os efeitos da doença (ALENCAR;OTA, 2011). O Ministério da Saúde decidiu identificá-los como sinônimos e o termo estabeleceu-se como LER/Dort.

De acordo com a pesquisa empírica realizada por Dale e Dias (2018), três núcleos de significação foram atribuídos a partir de entrevistas realizadas com pacientes diagnosticados com LER/Dort em acompanhamento no Cerest de Botucatu. Os núcleos consistiram em: “necessidade de trabalhar: o corpo em movimento permanente; submissão do corpo: falta de autonomia/poder; corpo impedido: ‘eu travei, eu parei minha vida’.” As falas dos participantes deixam claro tais significados, desenvolvendo e dando origem a estes núcleos. Eles nos levam a olhares distintos sobre a relação individual entre o ex-empregado e o trabalho. As significações e perspectivas do empregado carregam o porquê de trabalhar e do porquê continuar mesmo após experiências de sofrimento que os levaram ao adoecimento.

Desta forma, as consequências infligidas na vida dos trabalhadores podem se tornar crônicas. Os riscos não ficam somente no trabalho, eles se deslocam para o dia a dia, para os cuidados básicos, para uma simples mexida no cabelo, ou seja, para o que antes era o tempo em que tinham de lazer, de descanso. Este tempo que antes era de um jeito, se modificou pelos impactos sofridos no trabalho. Ou seja, o modo de viver se converte em um estilo de vida para o qual antes o empregado não estava acostumado. (ALENCAR; OTA, 2011)

Juntamente das questões crônicas que interferem no cotidiano do trabalhador, outro sofrimento gerado a partir da LER/Dort é a falta de compreensão sobre a própria doença. Zavarizzi, Carvalho e Alencar (2019) descrevem que “muitos trabalhadores demonstravam estranhamento com seus corpos, pois não compreendiam a invisibilidade da dor, o desconforto e as dificuldades no cotidiano”. Essa falta de conhecimento sobre a doença provoca um incômodo ao empregado que acaba por considerar um estranhamento sobre o seu próprio corpo. (ALENCAR; OTA, 2011)

Dessa forma, os fenômenos que constituem o mundo do trabalho se apresentam ao sujeito de forma violenta, impõe a ele um modelo já estabelecido e exploratório, abrindo a condição de que é necessário que este se venda. O sujeito aceita essas condições, mas não porque havia outras possibilidades. Pois estamos nos referindo a uma realidade miserável, um mundo em que as opções já são restritivas e o sujeito depende de circunstâncias básicas para sobrevivência. Este, dentro daquilo que lhe é possível, aceita em fornecer sua mão de obra para viver, e possivelmente, colocar em risco a interrupção da sua principal fonte de sustento, em que pode revelar-se para ele uma existência muito distinta do que está habituado.

Neste sentido, o corpo é fundamental para a subsistência do trabalhador e as exigências da lógica de forças produtivas (e das relações de produção) se sobrepõem à emergência de estar atento ao autocuidado. Questões como não passar dos limites que são sinalizadas pelo sofrimento são fundamentais para o cuidado da saúde.

“Pode-se dizer que esse segundo período da "história da saúde dos trabalhadores" caracteriza-se pela revelação do corpo como ponto de impacto da exploração. Essa noção é fundamental, na medida em que leva as análises, tanto provenientes dos sindicatos quanto dos especialistas', a se preocuparem com um aspecto da saúde que consideramos, hoje em dia, indevidamente limitado. O alvo da exploração seria o corpo, e só o corpo. Também as análises econômicas críticas do sistema capitalista argumentam suas teses sobre a exploração a partir do corpo lesado, do corpo doente, da mortalidade crescente dos operários em relação ao resto da população.” (DEJOURS, 1992, p.21)

Dejours aponta para esse foco no corpo do trabalhador como ponto central da exploração do capital em que não há a atenção ao cuidado. E que, com o tempo, os desgastes se manifestam e tornam-se uma barreira para a produtividade insana do capital, pois o lucro é o objetivo imprescindível desta lógica. Logo, as questões que envolvem a saúde do trabalhador são desconsideradas ou menos abordadas no ambiente de trabalho. O que importa é que este continue produzindo, mesmo que signifique transpassar seus limites. (MUROFUSE, MARZIALE; 2001)

Em meio a essa lógica capitalista, o corpo é visto como uma ferramenta de trabalho. Ou seja, na perspectiva que dá primazia ao capital, o sujeito é reduzido a um corpo mecânico, que pode ser explorado até o limite da existência. Isso não é visto apenas no âmbito dos estudos e pesquisas das doenças trabalhistas, mas também uma ideia que é absorvida pelo próprio trabalhador sobre si mesmo. Ocorre que, paulatinamente, este perde a visão como sujeito, como indivíduo pertencente a uma sociedade. Na pesquisa de Dales e Dias (2018), uma das entrevistadas relata ter que acelerar sua produção, pois tinha um prazo de duas semanas para realizar 150 declarações. A trabalhadora, ao finalizar a tarefa, acordou no final de semana sem conseguir movimentar um dos braços e o pescoço.

A intensificação por cumprir metas no trabalho, demonstram a falta de autonomia sobre o próprio corpo, destinando-o para o capital. O corpo é essencial no mundo do trabalho,

e o cuidado deste não pode ser esquecido ou evitado. Em um estudo produzido por Torres e colaboradores (2011), os participantes diagnosticados com LER/Dort relataram as dificuldades em exercer uma série de atividades que exigiam movimentos específicos, e o quanto isso afetava a sua relação com seu núcleo familiar e demais campos de convivência. Uma trabalhadora descreve que tem tentado pintar telas e fazer bordado, porém a mão adormece, comentando que nunca mais teve saúde.

A partir dos relatos acima retirados dos demais trabalhos, são manifestadas as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos dos problemas de lidar com as doenças geradas pela carga excessiva de trabalho. É evidente a importância e relevância da preservação do ser, do cuidado com sua existência. Portanto, tem de se compreender que estes dois campos constituintes do sujeito estão alinhados, pois atingir o corpo do trabalhador é também atingir sua vivência.

Com tudo, as relações de trabalho também possibilitam prazer, pois este constitui a realidade do sujeito. O trabalho é um fenômeno que se insere na condição existencial e que, portanto, agrega na vivência e atribui sentido para o ser. Dentre as diversas perspectivas possíveis para se olhar para o fenômeno do trabalho, Lancman e Ghirardi (2002) ressaltam a importância do papel que a atividade laboral possui na constituição da identidade individual do sujeito, e como estes aspectos impactam diretamente na variedade de formas de inserção social do indivíduo. As autoras ressaltam:

“(...) se por um lado o mundo do trabalho será gerador de sofrimento na medida em que confronta as pessoas com desafios externos, por outro lado, o trabalho é também a oportunidade central de crescimento e de desenvolvimento psicossocial do adulto. Ou seja, se o trabalho leva ao sofrimento, esse mesmo trabalho pode se constituir numa fonte de prazer e de desenvolvimento humano do indivíduo tanto quanto de adoecimento. Dessa forma, fica evidente que o trabalho e as relações que nele se originam nunca podem ser tomados como um espaço de neutralidade subjetiva ou social.”
(LANCMAN; GHIRARDI, 2002, p.45)

Sendo assim, o empregado se encontra em uma situação complicada, pois ao mesmo tempo em que deseja o trabalho, o mesmo lhe causa sofrimentos, capaz de prejudicar o seu ser-no-mundo. Nos deparamos então com um cenário contraditório imposto pelo próprio capital. Heloani e Lancman (2004) descrevem muito bem essa situação:

“O trabalho permite o confronto entre mundo externo e mundo interno do trabalhador. O mundo objetivo (com suas lógicas, desafios, regras e valores) vai entrar em conflito com a singularidade de cada trabalhador, fazendo com que o confronto entre relações e organização do trabalho e mundo interno e subjetivo do trabalhador seja gerador de sofrimento psíquico. Há uma contradição central entre a lógica das empresas, voltada para o lucro e para a produtividade, e a lógica do indivíduo, que é contraditório, tem angústias, desejos, medos e que busca manter sua saúde mental em meio a essa complexidade de relações.” (HELOANI; LANCMAN, 2004, p.78).

As autoras destacam que o trabalho acaba por promover tanto o sofrimento, quanto também a possibilidade de se desenvolver profissionalmente e como sujeito social. O trabalho que deveria viabilizar mais questões como desenvolvimento individual e grupal, realizações pessoais, construções de ambientes e relações cooperativas etc., na verdade também torna-se um ambiente de produção de sofrimento e de esquecimento da priorização de si. Ou seja, um esquecimento da saúde do trabalhador. (HELOANI; LANCMAN, 2004).

“O trabalho taylorizado engendra, definitivamente, mais divisões entre os indivíduos do que pontos de união. Mesmo se eles partilham coletivamente da vivência do local de trabalho, do barulho, da cadência e da disciplina, o fato é que, pela própria estrutura desta organização do trabalho, os operários são confrontados um por um, individualmente e na solidão, às violências da produtividade.” (DEJOURS, 1992, p.39).

Este cenário provoca uma defasagem entre a execução da tarefa e o empregado como sujeito, fugindo das possibilidades construtivas do que o trabalho poderia significar socialmente, pois os fatores econômicos são mais relevantes para o capital. E assim, é deixado às margens as questões de saúde que se agravam como sinal de alerta a essa priorização econômica. Desenvolvendo um contexto em que o trabalhador ao invés de evoluir no trabalho, acaba por ficar desgastado. As autoras Murofuse e Marziale (2001) citam os desafios e o embate entre saúde e trabalho:

“O mesmo trabalho que possibilitou a promoção do ser humano, tem produzido novos desafios para a área da saúde. Os avanços conquistados e os novos instrumentos de trabalho, ao mesmo tempo em que propiciou várias facilidades e benefícios, trouxe também problemas à saúde do trabalhador.” (MUROFUSE; MARZIALE, 2001, p.20)

Portanto, apesar do foco deste trabalho não ser a análise propriamente dita do sistema capitalista e a organização do trabalho, é essencial reconhecê-lo como causador de doenças para não naturalizar, relativizar ou reduzir os sofrimentos. A LER/Dort é uma doença muito desconcertante na vida do empregado e que pode alterar seu modo de ser, afetando juntamente toda sua perspectiva de mundo. Porém, o trabalho também propicia possibilidades de auto-satisfação, ligadas à formação de sua existência. Logo, este conjunto de fatores provoca uma série de conflitos na vivência do trabalhador que só poderá ser compreendida através das perspectivas dos próprios trabalhadores. Através, necessariamente, da fala deles.

Estes conflitos, convocam o pesquisador a investigar diversas questões atreladas às visões de mundo do trabalhador perante si mesmo e a própria tarefa executada. Diante da situação pandêmica que este trabalho de conclusão de curso foi feito, tornou-se difícil realizar uma pesquisa de campo. Logo, optou-se por analisar uma obra cinematográfica para entrar em contato com essa narrativa do sujeito enquanto trabalhador vítima da LER/Dort. O filme escolhido foi “Carne e Osso: o trabalho em frigoríficos” (2011), dirigido por Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros. A obra apresenta relatos das vivências de pessoas submetidas a condições insalubres de trabalho que vieram a desenvolver e significar a condição diagnosticada como LER/Dort. Além disso, também há falas de profissionais da área da saúde do trabalhador que apresentam dados e outras informações relevantes sobre a realidade do adoecimento no trabalho tanto nos frigoríficos como em outras categorias laborais no Brasil.

A partir da obra foi possível analisar pontos que dizem respeito especificamente às visões do sujeito sobre si enquanto trabalhador que entrega o corpo perante a situação de trabalho. Pois o que se está em pauta é justamente um sujeito que só existe corporalmente. Além de ter sido possível analisar o aspecto de como o trabalho impacta na compreensão do sujeito sobre seu existir. Em analisar quais possibilidades se abrem, quais são rejeitadas e por qual motivo elas são negadas. Nisso se estabelece claramente uma relação entre trabalho e dor, pois as condições de trabalho estão explicitamente conectadas com a vivência sofrida diagnosticada como LER/Dort.

Logo, o presente trabalho não pretende expor o sofrimento. Até porque este fenômeno está consolidado na história da sociedade e na vida dos sujeitos. As próprias instituições, as pesquisas realizadas e projetos criados para abrigar, auxiliar e acolher estas pessoas diagnosticados com LER/Dort são uma das evidências deste sofrimento. Portanto, o objetivo

deste trabalho foi ampliar a compreensão da vivência daqueles que sofrem com LER/Dort a partir dos significados e sentidos envolvidos nessa vivência expostos no documentário.

Ao analisar essas questões, os relatos dos trabalhadores foram imprescindíveis para compreender o sofrimento e o sentido que dão à sua corporeidade. Com as experiências e perspectivas dos trabalhadores abriu-se os sentidos do seu ser-no-mundo. Além de ter revelado determinadas situações que foram marcantes em sua existência e serviram como uma expressão da violência sofrida no ambiente de trabalho.

Para poder investigar as questões acima, este trabalho optou por utilizar da abordagem fenomenológica que possibilita um espaço para conhecimento sem a necessidade de impor verdades únicas e absolutas. O documentário resgata pontos de vista sem se preocupar em sobrepor outro ponto de vista, algo que para a fenomenologia é fundamental dado que “(...) uma perspectiva é apenas *uma* perspectiva entre outras”(CRITELLI, 2006, p.12). A visão de mundo de um sujeito não pode ser subentendida por outra, ao contrário, pode complementá-la e agregar-se. Pois a expressão do fenômeno converge para a situação do sofrimento. A questão é o como ela direciona-se para isso.

Sendo assim, o reconhecimento da relatividade da perspectiva é imprescindível para a fenomenologia, pois representa também o reconhecimento da relatividade da verdade. Apesar de aparentar ser inseguro este caminho, essa relatividade é importante para o existir (ser) (CRITELLI, 2006). Portanto, a abordagem fenomenológica, possibilita trazer uma diversidade de relatos que possam compreender e significar o trabalho, o corpo, a doença e as outras manifestações que o trabalhador carrega consigo em meio ao sistema e lógica de produção capitalista.

Por meio da fenomenologia, o sujeito possui suas perspectivas com relação ao trabalho, o seu corpo e vivência. Os relatos provavelmente não vão conseguir dar conta de abarcar a totalidade de perspectivas de todos os trabalhadores brasileiros. O ser das coisas e como elas se manifestam para o sujeito significa, além disso, dar voz aos trabalhadores que por muitas vezes são silenciados no ambiente de trabalho e que carregam o sofrimento para fora deste ambiente. A trama de significados é importante para partilhar as visões de mundo e poder demonstrar o modo que cada sujeito tem de lidar com seu sofrimento e questões que abordam seus ofícios. Logo, a fenomenologia proporciona o “talhamento de um olhar”, como explica Critelli (2006):

“(...) o delineamento de uma metodologia de investigação e análise fundada na fenomenologia deverá cuidar do talhamento de um olhar. Ao mesmo tempo que intenta moldá-lo, deverá ir despindo-o de um hábito desde há muito invisível” (CRITELLI, 2006, p. 17)

Desta forma, com o uso dos conceitos fenomenológicos, analisar os relatos dos trabalhadores atravessados pela experiência da LER/Dort, possibilitou a aproximação e aprofundamento da compreensão do sujeito diante corpo no trabalho, do corpo adoecido e conseqüentemente sobre o fenômeno LER/Dort. Com relação a fenomenologia, o próximo capítulo abordará conceitos para compreensão do fenômeno.

2. MÉTODO

2.1. O que é fenomenologia

Por volta da metade do séculos XIX e início do século XX, a fenomenologia é criada com o intuito de pensar numa nova proposta de conhecimento para as ciências humanas. Com a forte ascensão do positivismo na época, Edmund Husserl (1859 - 1938) sugere uma nova forma de “(...) introdução lógica às ciências humanas, à medida que vai procurando *eidéticamente* seu objeto.” (JÚNIOR, 2003, p.62). Ou seja, Husserl cria a fenomenologia com o intuito de repensar a ideia de uma ciência absoluta e empírica. Para assim, caminhar em um estudo dos fenômenos, em uma proposta de descrever a existência humana estabelecida no seu aqui e agora. (JÚNIOR, 2003)

Desta maneira, o que é fenomenologia reflete e historicamente questiona é, necessariamente, a crença metafísica na unicidade da verdade e na busca de uma perspectiva de conhecimento que seja absoluta (Critelli, 2006). Logo, é na própria inconstância, por assim dizer, que a fenomenologia se encontra. Isso pode provocar uma sensação de insegurança, não só para a tradicional epistemologia das ciências naturais, como também para o próprio criador deste conhecimento, o sujeito.

Contudo, é a partir desta própria insegurança que se abre horizontes de possibilidades para a compreensão do mundo.

“Do ponto de vista fenomenológico, a relatividade da perspectiva do saber e da verdade do ser abre-se como ponto inseguro, mas próprio do existir (ser). Contrariamente, a tentativa empreendida para a superação da insegurança é o que instaura o modo do pensar (metafísico) ocidental.” (CRITELLI, 2006, p.14)

A insegurança torna-se um ponto fundamental para a fenomenologia, indo de contrapartida ao pensar metafísico. A relatividade abre para o ser a possibilidade de compreender o mundo de diversas formas, e isso não provoca a inautenticidade de uma perspectiva. Pelo contrário, as possibilidades de compreensão se relacionam com a forma de como o fenômeno se apresenta para o indivíduo.

“A fenomenologia não compreende essa insegurança ou essa fluidez do aparecer dos entes e de sua interpretação como sendo uma falha do mostrar-se dos entes, nem como um defeito do pensar. Contrariamente à interpretação metafísica, estes aspectos do ser são, para o olhar fenomenológico, os modos constitutivos e originários do mostrar-se dos entes e do pensar.” (CRITELLI, 2006, p.14)

Desta forma, a aplicação do método fenomenológico, demanda que o sujeito se distancie de qualquer ideia ou julgamento que possa vir a interferir na compreensão do fenômeno na forma em como ele se apresenta. Todas as pré concepções e valores impostos fixam o fenômeno, de modo a colocá-lo numa posição imutável, enrijecida por concepções que atrapalham a manifestação do fenômeno por si só.

Este processo de distanciamento denomina-se na fenomenologia como redução fenomenológica. A partir do momento em que o sujeito se depara com um fenômeno, é necessário que este se afaste de todas as ideias pré concebidas para dar espaço às manifestações deste. Os significados e concepções vão sendo construídos a partir de uma nova compreensão. Um processo de compreensão que se dirige a um objeto cultural, preenchido por significações atribuídas ao meio humano. (DARTIGUES, 2005).

Para se chegar a uma compreensão de algo, é necessário que este fenômeno exprima intenções acessíveis ao humano, a aquilo que seja passível de compreender neste mundo (DARTIGUES, 2005). Sendo assim, o próprio sujeito é algo a ser compreendido. “O homem é um sujeito que se põe fora - fora de si, dentro do mundo. Revelando o mundo, revela-se a si mesmo; descobrindo o mundo, descobre-se a si mesmo. O homem é no mundo e o mundo é no homem.” (JÚNIOR, 2003, p.63). A existência do sujeito se dá na coexistência dos entes e de seus semelhantes. Através do corpo, o sujeito entra no mundo e o mundo entra nele. (JÚNIOR, 2003)

Portanto, a fenomenologia terá como princípio a busca pelo sentido do ser no mundo. Diferente dos outros entes, o ser questiona-se a si própria de sua existência. Um animal ou um objeto não são capazes de realizar tal pergunta. Critelli (2006), descreve: “Assim, a tarefa de se pensar a possibilidade de uma metodologia fenomenológica de conhecimento é, em última instância, uma reflexão sobre o modo humano de ser-no-mundo, inclusive tal como desdobra na tradição da civilização ocidental”

Desta forma, a compreensão ocorre no mundo em que estão inseridos outros entes, dentre eles, o humano. Neste meio, a manifestação dos entes ocorre a todo instante, assim como a compreensão. Ao deparar-se com os fenômenos ao redor, se abre uma vasta possibilidade de manifestações deste fenômeno. O indivíduo é um ser significativo que no caminhar da vida, concede sentidos para sua vivência e aos entes que o cercam neste percurso. Ou seja, é a partir da relação entre o indivíduo e os entes que as possibilidades de manifestação do ser se dão.

“O ser das coisas (o que são, como são) não está consumado na sua conceituação, mas também não está incrustado nas próprias coisas, ensimesmadas. Está no lidar dos homens com elas e no falar, entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas. Está entre os homens e as coisas; está numa trama de significados que os homens vão tecendo entre si mesmos e através da qual vão se referindo e lidando com as coisas e com tudo o que há.” (CRITELLI, 2006, p. 17)

Sendo assim, o indivíduo é um ser de significações. Este, busca a todo momento conceder sentido às suas próprias vivências, a compreender os fenômenos através da atribuição de significações. Logo, pensar em um ser significativo é também pensar num ser da linguagem (HILGERT, 2017). Merleau Ponty irá tratar deste instrumento comunicativo como uma modalidade do corpo, ou seja, que também faz parte deste mundo das experiências. “O desenrolar das ideias anima as palavras, assim como o mundo anima o nosso corpo”. (CARMO, 2011, p.92)

Diferentemente da ideia tradicional da filosofia do século XX, a linguagem para Merleau Ponty não se trata de uma tradução do pensamento puro, ou da dissociação entre pensamento e fala. O que o filósofo busca suscitar é que não existe pensamento e linguagem separados. Estes estão atrelados, “É necessário apenas que iniciemos a comunicação utilizando as palavras que nos vêm à mente para logo mais estarmos rodeados de sentido.” (CARMO, 2011, p.94). Ou seja, a fala se dá num encadeamento das palavras que vão surgindo junto do pensamento que, ao longo do percurso da comunicação, vão se agrupando e reagrupando através da própria fala.

Dessa forma, a linguagem possui uma maleabilidade que transcende a partir dos contextos inseridos. Os significados vão sendo alterados a depender da situação que a fala está

colocada. Não se trata de significados imutáveis como no dicionário, Merleau Ponty descreve que:

(...) “a comunicação pressupõe um sistema de correspondência tal como que é dado pelo dicionário, mas ainda vai além, e é a frase que dá seu sentido a cada palavra; é por ter sido empregada em diferentes contextos que a palavra pouco a pouco se carrega de um sentido que não é absolutamente possível fixar.” (Merleau-Ponty, *Php*, p.445 apud CARMO, 2011, p.95).

Neste sentido, a comunicação só se torna possível devido a essa maleabilidade de significados dos signos linguísticos. Enquanto a aparente neutralidade da palavra ocorre quando empregada no dicionário. Em uma conversação, o orador não consulta um dicionário ou se utiliza do seu pensamento como um. Este seleciona ou rejeita as palavras que lhe vêm ao momento, e a partir dessa decisão é que resultará a comunicação. Portanto, o significado torna-se mutável ao estar imposto num contexto, em um estado de suspensão, esperando a situação a ser utilizada. (CARMO, 2011)

Além disso, a linguagem para Merleau Ponty não se limita à expressão verbal, ela vai muito além disso. Refere-se a uma linguagem das vivências, daquilo que o humano experiencia. Por estar junto a nós, do corpo como essa extensão comunicativa. Sendo assim:

“(...) a linguagem não se restringe somente à expressão verbal (...). Não somos prisioneiros de uma linguagem que se reduziria a tarefa de traduzir um pensamento. Assim como o corpo, que é dotado de atitudes que muitas vezes independem do pensamento, a *palavra fala*. note-se que isso não é uma redundância: ela fala porque ultrapassa aquilo que o seu emissor tencionava dizer. Assim como o corpo, que carrega consigo uma região originária pré-reflexiva que nos arrasta, por suas intenções, no comércio com o mundo (...)”. (CARMO, 2011, p.100)

Com isso, a fala não é um resultado do pensamento, a fala é o próprio pensamento. Não há algo pronto e pré-definido como em um dicionário. Dentro do método fenomenológico, a comunicação se dá na percepção assim como na vivência do ser com a revelação dos fenômenos. A expressão é mutável e se dá nas experiências, seja essa expressão como arte, fala ou escrita. “É dessa maneira que surge a fala autêntica, viva ou originária” (CARMO, 2011, p.102).

Como a linguagem não se restringe à expressão verbal, podendo ir muito mais além de outros campos da experiência vivida, o corpo também não se restringe a apenas corpo. Essa noção a partir do olhar fenomenológico coloca em questão a ideia principal de que *não temos* um corpo, *nós somos um corpo*. De que quando o sujeito se refere a algo que ocorreu consigo mesmo não diz sobre um revestimento, como algo distante dele, mas descreve o que aconteceu com o seu ser, ou seja, a ele mesmo. Logo, a fenomenologia não trata da noção de corpo como um obstáculo na vida do sujeito, mas como constituinte da sua existência.

“E a moça que está enfeitando o seu corpo, pensa que está tratando de um objeto (chamado corpo), obstáculo entre ela e o mundo, entre ela e outras pessoas, ou está tratando de si *mesma*? Parece-me que uma pessoa não necessita mais que olhar a própria mão, para saber que está, toda ela, nessa mão. São incontáveis os exemplos que tornam bem claro que nós mesmos *somos o nosso corpo*.” (BERG, 2003, p.17)

O que é portanto defendido pela fenomenologia é justamente a ideia de uma corporeidade que compõe o sujeito, não que está separado do ser. Trata-se de enxergar o ser e corpo como uma unidade, pois afetar um implica necessariamente afetar o outro. Contudo, não significa dizer que o corpo que *temos* não aparece. Pois, a referência de ter um corpo se mostra na experiência do sujeito quer ele ou não. A manifestação da corporeidade como um objeto aparece na vivência do sujeito.

“Mesmo ao dizer que tem um corpo, a gente se retira, de certo modo, da vida de todos dias. Dizendo isso, modificamos um pouco o nosso corpo, pois o corpo que temos é diferente do corpo que somos. O corpo que temos foi, de certa maneira, abandonado pelo seu proprietário. (...) Uma perturbação deve aninhar-se no corpo que a gente *é*, para fazer surgir o corpo que a gente *tem* e isto é uma doença.” (BERG, 2003, p.17)

Na relação entre sujeito e mundo, o que aparece no âmbito corporal é o modo de como é compreendida essa relação. Ou seja, o corpo, que aparentemente está no meio desta relação, na verdade manifesta-se como o próprio sujeito. Não há uma barreira, apenas o ser, pois o corpo é necessariamente a forma do sujeito se colocar no mundo, de se manifestar e se relacionar com os outros.

Dessa maneira, nasce o estado pré-reflexivo do corpo, o modo de viver diante da existência do dia a dia, é a vivência do sujeito enquanto ser habitante deste mundo. Por outro lado, o estado reflexivo refere-se ao corpo objetificado, relacionado à ideia de uma corporeidade que permeia o campo da medicina. Ao olhar para o corpo como um objeto a ser estudo é constituído não por um ser, mas por órgãos que juntos formam uma determinada pessoa. (BERG, 2003)

Sendo assim, diferentemente dos fenômenos do mundo, o corpo e o ser se entrelaçam. Nos coloca em contato com os outros entes e possibilita diferentes expressões de ser.

“O corpo deixa de ser um “mecanismo cego” ou a soma de sequências causais independentes. Assim, não há, então, homem em si, mas homem em *situação*. Nesse sentido, o corpo não tem um papel de passividade e inércia, mas sim o de colocar-nos em contato com o outro e com o mundo.” (CARMO, 2011, p.78)

2.2. Como vamos olhar

O cinema, assim como diversas outras formas de expressão artística, demonstra uma perspectiva. Um olhar voltado para algum tema específico com a finalidade de transmitir algo. Essa transmissão é realizada por um conjunto de elementos reunidos que irão dar pulsão para o projeto todo, até o momento que pode-se chegar ao produto final, um filme. Uma obra que terá uma linguagem própria e que dependerá da leitura do telespectador para destrinchar os conceitos nela abordados, ou ressignificar conceitos que até mesmo o próprio criador não teve o intuito nítido de produzir.

Desta forma, assim como na fenomenologia, a arte promove o acesso a uma perspectiva. O artista coloca em questão algo do seu mundo em sua obra, como forma de revelar um conteúdo ao outro. Essa revelação não necessariamente irá ser definitiva. O intérprete pode muito bem ter revelações das quais não eram o foco do artista. Logo, a obra se abre como uma possibilidade para o sujeito. Segundo Bento Matias Gonzaga Filho (2013)

“Fazer arte é promover o exercício fenomenológico. Cada vez que alguém escreve uma peça musical, esculpe uma pedra, realiza uma peça de teatro, está colocando o mundo inteiro ou uma parte dele entre parênteses. As

essências capturadas estão sendo tomadas como o material para a criação da obra. Assim como o fenomenólogo é uma descrição ou uma contagem das essências que habitam sua consciência, o artista narra as essências com outras linguagens, que podem ser plásticas, musicais ou audiovisuais.” (FILHO, 2013, ANO).

A arte não é um elemento enrijecido, pré-moldado e recheado de conceitos definitivos. Mas a representação de uma perspectiva que pode vir a ser alterada dependendo daquele que a enxerga. O mesmo vale para o mundo cinematográfico. Esta é uma forma de expressão, não apenas artística, mas de mundo, de uma realidade. Assim como o sujeito percebe o mundo, o cinema também é percebido por ele.

“A percepção é uma atividade organizada e marca uma relação corporal com o mundo, uma decifração estruturada, anterior à inteligência. nesse sentido o traço fundamental de um filme como objeto de percepção é sua presença como Gestalt temporal” (XAVIER, ANO, p.91)

Desta forma, a percepção do sujeito na realização de um filme será findada em sua percepção sobre o mundo. É uma tradução da visão de mundo do sujeito em expressão cinematográfica. As possibilidades que se abrem para a elaboração do filme são diversas e inesperadas, pois derivam-se justamente daquela por trás da obra. E isso, simultaneamente, não significa dizer que os conceitos retratados na obra serão a verdade absoluta ou fatos irrefutáveis. Mas simplesmente a perspectiva do sujeito perante determinados conteúdos, assuntos, temas, sensações etc.

“A breve incursão cinematográfica de Merleau-Ponty define, em suas linhas gerais, as condições que fazem do cinema lugar privilegiado da expressão de uma “visão do mundo” onde contingência, ambiguidade, e a concepção do homem como ser-em-situação, informado por uma visão em perspectiva, constituem elementos-chave.” (XAVIER, 2005, p.91)

A concepção sobre as diversas possibilidades de significações dentro do mundo do cinema será colocada a partir de alguns dos trabalhos de Jean Mitry e André Bazin. Estes irão olhar para o cinema não como a “(...) contemplação revelatória de uma essência dada *a priori*, mas a produção de novos significados” (XAVIER, 2005, p.92). Assim como a fenomenologia compreende o mundo, a possibilidade da criação de uma expressão detendo a

verdade absoluta não se encaixaria neste mundo. O real não se limita apenas a uma possibilidade de compreensão dos fenômenos. Logo, o cinema, como criação do ser humano, não seria possível de representar essa verdade única.

Sendo assim, o cinema se configura como uma expressão. Uma expressão que se refere ao real, à perspectiva de um sujeito através da composição de imagens.

“Mitry quer repor a fenomenologia em seu devido lugar, procurar discernir o que cada fenômeno visual é em essência. O resultado de suas reflexões é uma noção da imagem cinematográfica que, sem ser “essencialmente objetiva”, não se descola do real.” (XAVIER, 2005, p.92).

Apesar do cinema aparentemente ser um recorte de imagens que narram uma história, a variedade de possibilidades de interpretação ainda está em aberto. Por mais que o filme tenha o propósito narrativo de um fato, há nele elementos significativos. A imagem não necessariamente diz respeito a um todo, mas há uma parte do que pode ser aquilo.

“A imagem é uma “unidade complexa” constituída por uma unidade de planos montados de modo a ultrapassar o nível denotativo e propor uma significação, um valor específico para determinado momento, objeto ou personagem do filme. A imagem, como unidade complexa, não mostra algo (Bazin, Mitry), mas significa algo não contido em cada uma das representações particulares. A síntese produzida por tal montagem faz com que o cinema passe da “esfera da ação” para a esfera da “significância, do entendimento”. (XAVIER, 2005, p. 131)

“(...) a imagem de Mitry carrega consigo a presença das coisas e tem como missão fundamental *mostrar* um “aspecto do mundo”, os objetos como produto de um “olhar” que define um “campo” e uma “intencionalidade” A a realidade da tela é, à diferença do mundo real, orientada (tendente a realizar uma finalidade)”. (XAVIER, 2005, p. 92)

Logo, a imagem no cinema se apresenta como fenômeno ligada à expressão cinematográfica. É uma ferramenta que se configura numa linguagem do real. A um real que é composto por manifestações, significações e compreensões dos fenômenos, traduzido para a esfera cinematográfica, o que pode ser definido como realismo cinematográfico.

“O cinema realista seria, tal como o cinema contemporâneo (em torno de 1960), o lugar da desdramatização, da perda da perfeição e o lugar da informalidade. um cinema capaz de surpreender-se com as coisas, onde o acaso se insinua e o desenvolvimento lógico e coerente é abandonado em nome de uma maior “autenticidade” e de um maior “realismo” ao mostrar o instante, um momento vivido. (XAVIER, 2005, p.94)

Desta forma, mesmo que implicações subjetivas ou objetivas estejam presentes na obra cinematográfica, os seus significados não estarão entregues ao intérprete. A forma que as imagens estão compostas transmitem um objetivo, mas não definem os significados. Ou seja, assistir a um filme implica a entrega subjetiva na leitura do texto construído por imagens. Por meio dos sentidos cabe-nos absorver essas imagens para a formulação de novos conceitos.” (FILHO, p.4, 2013)

A pluralidade de significados dentro do campo cinematográfico ocorre, portanto, graças ao real. A ambiguidade não é uma peculiaridade definitiva dos objetos artísticos. Mas um constituinte essencial da própria realidade (XAVIER, 2005). Desta forma, a expressão cinematográfica configura-se numa linguagem da própria arte e daquele que a produz. É uma interpretação do mundo. Uma percepção que surge a partir da maleabilidade que a própria linguagem possui.

A depender do contexto em que a obra é inserida, o significado dela se altera. O local que o filme é apresentado, o público que o assiste, o formato da tela e outros elementos possíveis na reprodução de um filme interferem na sua interpretação. O telespectador não compartilha exatamente da mesma percepção daquele que o produziu. Sendo assim, o método fenomenológico e as concepções cinematográficas se entrelaçam para análises filmicas. O real permite com que as interpretações cinematográficas sejam diversas e possíveis de serem levadas em consideração. Dado isso, este trabalho, como já foi descrito, terá como finalidade a análise do filme/documentário “Carne e Osso” (2011).

A obra, por se tratar justamente de uma produção do real, é uma das possibilidades de expressão do fenômeno. Ela capta e percebe o fenômeno de maneira a transmiti-lo através das imagens, de uma linguagem cinematográfica. Portanto, a partir do que foi discutido neste capítulo, o documentário “Carne e Osso” (2011), pode ser compreendido como desvelamento de sentido. Diante dessa compreensão sobre o cinema ser uma forma de expressão dos

fenômenos da existência, será possível oferecer uma perspectiva fenomenológica sobre as ideias e questões desenvolvidas no documentário.

2.3. O que vamos olhar

“Carne e osso: o trabalho em frigoríficos” (2011), dirigido por Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros, documenta o sofrimento e a árdua vida dos trabalhadores de frigoríficos em algumas regiões do Brasil. As imagens captam situações precárias de trabalho dentro dessas indústrias, como a falta de materiais de trabalho adequados, longas jornadas de trabalho, tarefas que ultrapassam o limite humano, necessidade de higienização dos ambientes de trabalho, o próprio ambiente de trabalho que não suporta o número de empregados e muitas outras situações precárias.

Essas situações vão sendo narradas ao longo do filme pelos próprios funcionários e ex-funcionários destes frigoríficos, além de contar com a participação de profissionais e especialistas no direito à saúde do trabalhador. A partir das falas sobre as experiências de trabalho, um aspecto que fica claro é o sofrimento e as marcas que o próprio trabalho deixou nesses sujeitos. As recordações dos acontecimentos trazem à tona as cicatrizes psíquicas e físicas que acompanham suas vidas, em que muitos casos é necessário o enfrentamento da LER/Dort no cotidiano através de fortes medicamentos.

Apesar deste trabalho focar nos aspectos existenciais e perspectivas do sujeito sobre o próprio corpo com relação LER/Dort, outras questões também são interessantes de serem abordadas e levadas em consideração quando se trata do sofrimento no trabalho. O filme por si só retrata uma variedade de aspectos importantes para serem questionados e discutidos com relação a condição do trabalho no Brasil. Desta forma, antes de entrarmos em considerações da análise, foram separadas algumas falas do próprio documentário para expor questões da situação do trabalho no Brasil:

Fábio – sindicalista: *“A grande realidade que o nosso país... nós precisamos discutir o modelo de produção, de diminuir o número de horas que esses trabalhadores são colocados na produção, não tem outra situação. Hoje uma planta que deveria ter em torno de 2 mil trabalhadores para bater mil cabeça de gado, ela tem a proporção de 1:1. Então, na verdade, é você coloca um homem para desossar um boi inteirinho, sozinho. Ou muda o sistema de*

produção, ou diminui o número de horas exposta essa situação de risco que hoje os trabalhadores nas indústrias frigorífica em qualquer lugar do país é exposto hoje.”

Heiler - Procurador do Trabalho: *“Tem frigorífico em que 20% da força de trabalho está adoecendo, isso está constatado em perícia judicial. Se nós projetarmos essa realidade para o mercado de trabalho de frigorífico neste país, são 90 mil pessoas adoecendo.”*

Graça - Médica e Pesquisadora: *“Esses trabalhadores desenvolvem uma síndrome. Chamada, síndrome do sobrevivente. A síndrome do sobrevivente é uma síndrome que já foi desenvolvida, já foi relatada, principalmente nos EUA, que são os trabalhadores que se mantêm no trabalho. Com medo de ser demitidos. Com uma série de patologias que levam muitas vezes a impossibilidade do retorno ao trabalho.”*

Sebastião - Desembargador: *“(...) o que podemos perceber no judiciário trabalhista é que o número de transtornos mentais relacionados ao trabalho, doenças neurológicas relacionadas ao trabalho ou doenças em geral, tem aumentado, aumentado bastante. Especialmente por essa conduta febril, a produtividade acelerada, essa competitividade intensa.”*

Paulo – Pesquisador e servidor da previdência: *“A segurança do trabalho é uma espécie de tributo à contribuição social e espécie de tributo federal, quem toma conta disso é a receita federal do Brasil, as empresas pagam isso todo mês em cima da folha salarial, 1%, 2-3%, frigorífico e ave paga 3% que presumimos que elas são de risco grave, ok? Então esse dinheiro, essa grana, cai na receita federal do Brasil cuja aplicação é específica para custear o INSS dos benefícios acidentários, ok? Por outro lado, nós temos a conta de despesa, quanto o INSS gasta com os aleijados, os acidentados, as viúvas de hoje. A conta não fecha, tem mais despesa do que ingresso, o que as empresas produzem, o que as empresas alimentam esse seguro social, essa segurança do trabalho, é sete “bi” a menos do que elas produzem de doentes. Elas produzem muito mais doentes do que elas pagam seguro. E o que é dito pela mídia, infelizmente, é o rombo da previdência. Perguntam: “Quem produz o rombo da previdência?” Esse ponto é fundamental, porque uma coisa é você olhar a quantidade de benefícios que o INSS paga, outra coisa é perguntar por que que chega tanto aleijado no INSS. Essa é a pergunta correta, honesta. Porque que se chega 2 milhões de trabalhadores adoentados no Brasil, ano.”*

Paulo – Pesquisador e servidor da previdência: *“existe alguma coincidência aí? ou isso realmente decorre do fato de trabalho. Pois existe uma possibilidade de coincidência, de acaso. Mas será que o acaso alcança tantas pessoas e num número tão grande quando comparado a 30 milhões de trabalhadores, 5 milhões de empresas, 1300 segmentos econômicos?”*

Colocada essas questões, podemos seguir o resto do trabalho tendo em mente essas falas. A partir do filme foi possível analisar diferentes perspectivas do sujeito com relação ao corpo no trabalho. Os relatos dos funcionários se referem a experiência de se trabalhar nos frigoríficos e expõe sentimentos de dor e sofrimento que foram marcados por conta da situação que estes se encontram com o corpo. As experiências narradas retratam a condição insalubre de trabalho, exaustivas jornadas de trabalho que ultrapassam os horários combinadas, a lógica insana de produção que tinha de ser seguida, as restrições dos supervisores que ignoravam a ideia de um trabalho saudável, a desconsideração com o trabalhador e muitas outros aspectos. Ou seja, muito do que foge de uma atividade laboral saudável.

A partir de todos os conteúdos contidos no filme, este trabalho focou-se em analisar e ilustrar a perspectiva do sujeito enquanto trabalhador perante seu corpo. Dessa forma, o trabalho se dividiu em três categorias de análises: O corpo percebido e tido como ferramenta de trabalho; Corpo desgastado e o corpo doente; Obsolescência desprogramada.

Tais categorias foram escolhidas e organizadas desta forma para compreender num primeiro momento o que ocorre para que o ser chegue a condição da LER/Dort. Quais são as questões que envolvem este acontecimento e como essas questões, de maneira geral, ocorrem. Em seguida, no processo de adoecimento há o descarte do sujeito enquanto trabalhador e manifesta-se a percepção do sujeito consigo mesmo diante do corpo doente e sem a possibilidade de trabalhar, afetando também o seu ser-no-mundo. Por último, há particularmente a falta de perspectiva futura do sujeito com relação a LER/Dort, em não enxergar possibilidades futuras para si por conta do desgaste sofrido no trabalho. Sendo assim, as análises foram focadas nos relatos dos trabalhadores que constituíram essas três categorias de análise que serão abordadas no próximo capítulo.

3. ANÁLISE

3.1. Corpo percebido e tido como ferramenta de trabalho

Para a realização das categorias de análise foram feitas descrições das cenas com o intuito de aproximar a experiência com o audiovisual. Tais descrições foram atreladas com o que foi discutido em cada categoria. Em seguida, partiu-se para uma análise com a utilização dos conceitos fenomenológicos de acordo com o que foi abordado nas falas que foram selecionadas para tratar das categorias. Neste primeiro momento, foram separadas cenas que dizem respeito à percepção do trabalhador com relação ao seu corpo durante a operação das atividades no ambiente de trabalho.

O documentário inicia com uma sequência de imagens dos trabalhadores na execução de tarefas repetitivas e rápidas em uma indústria frigorífica no Brasil. Os empregados e as esteiras com pedaços de carne são o foco das imagens, juntamente com a realização das tarefas. A câmera não foca em uma função, diversos tipos de atividades são apresentadas, enquanto o som de um violino toca repetidamente a mesma melodia. O que é constantemente mostrado são os movimentos repetitivos exercidos pelos trabalhadores. Enquanto essas sequências de imagens passam, ao fundo, é reproduzido falas de alguns dos ex-empregados de indústrias frigoríficas, estes narram os sofrimentos e dificuldades de se trabalhar em um ambiente de trabalho como esse.



Trabalhadores realizando tarefas no frigorífico

“Imagina 8 horas numa mesa, direto, fazendo só aquele movimento (...)”

“A gente tem que manter a esteira cheia, sempre.”

“Se tu desviasse e prestasse atenção em uma outra coisa, tu não conseguia mais vencer o serviço depois. Era muito apurado, você não conseguia vencer. Tu tinha que prestar atenção ali, baixar a cabeça e dar conta do recado.”

“Você tem que cumprir o que eles colocar na esteira. Eu acredito que era 6 segundos, eu acho, para você desossar uma peça.”

“(...) o ritmo é muito acelerado. Tem épocas que não, mas aí tem épocas que eles firma contrato de exportação, tantas toneladas lá e eles tem que fazer. Aumenta a velocidade da linha e eles têm que andar.”

“Nois fazia em média de 4 a 5 por minuto.”

“Era 1800 carcaças por dia, era bem acelerado”

“Aquela esteira, ela era ligeira, você tinha que vencer ela, né.”

“Era muito rápido.”

A próxima cena tem como foco as mãos de um trabalhador desossando um pedaço de perna de frango em cima de uma bandeja. A mão esquerda contém uma luva (aparentemente de material duro, algo como ferro), enquanto a mão direita contém uma faca. Ambas as mãos trabalham incessantemente para retirar os ossos e outras partes, até sobrar somente o pedaço exigido pela indústria. Após finalizar uma desossa, logo em seguida, este pega outro pedaço e começa todo o processo novamente. E assim por diante.



Trabalhador executando a desossa de uma coxa de frango

Ao fundo, enquanto o trabalhador desossa, a fala de uma ex-trabalhadora descreve a sobrecarga de trabalho ao longo do tempo em que esteve neste ramo. Ela conta:

“A gente começou desossando 3 coxas e meia. Depois, quando eu sai de lá, nesses onze anos que passou, cada vez eles exigiam mais. Quanto mais você dava conta, mais eles queria aumentar a produção. Eu já desossava 7 coxas por minuto.”

“(...) se você faz em 15 segundo essa tarefa, você faz quatro vezes isso em minuto. Bom, se você faz isso em um minuto, você vai fazer isso em menos tempo.”

Logo após essa cena, o entrevistado Paulo, comenta detalhadamente os movimentos envolvidos no processo de uma desossa de perna de frango. Enquanto Paulo fala sobre os movimentos, as imagens da cena anterior do trabalhador desossando a perna de frango aparecem novamente. Porém, agora, indicando cada movimento que o trabalhador realiza para finalizar uma desossa.



Cena demonstra a quantidade de movimentos realizados na desossa de uma coxa de frango

Paulo – Auditor Fiscal do Trabalho: *“Por exemplo, uma desossa de perna de frango tem 12 cortes, e mais 6 outros movimentos. Pega a perna, tira o osso, tira a perna, coloca o produto, então, esses 12 cortes em 15 segundos. Mais 6 outros movimentos. Então são 18 movimentos para desossar; em 15 segundos, uma perna de frango que é coxa e sobre coxa.”*

Heiler – Procurador do Trabalho: *“É extremamente comum encontrarmos trabalhadores no setor de frigoríficos exercendo de 80 a 120 movimentos em um único minuto. Estudos médicos dão conta de que até 35 movimentos por minuto, se está dentro de um padrão de segurança para a saúde do trabalhador. Portanto, estamos falando de 3 vezes mais movimentos em um único minuto do que esse limite considerado seguro.”*

“Eu tive problema de tendinite né, problema muscular devido ao trabalho repetitivo ali na prensa para poder vencer a velocidade que a nória tinha.”

“Mesmo com exercícios tinha dias que chegava cansado, nem sempre estava recuperado do dia anterior”

A próxima cena inicia-se com uma imagem vista de cima de dentro do frigorífico em que há trabalhadores executando tarefas. A imagem conta com uma trabalhadora ao centro colocando peças de carne sobre a esteira, ao lado dela há outros trabalhadores desossando peças de carne. A fala de Jussara é situada enquanto essas imagens passam, até que corta para a ex-funcionária do frigorífico sentada em um sofá. Ela relata:

Jussara: *“Então levava o “show”, daí acende a luz, tem uma luz, né. Daí acende aquela luz lá... o cara que tá abastecendo ali no meio, ele vai abastecer: “Ah, tu levou show, a senhora vai em outra caixa em cima.” Só que daí ele vai lá, entrega o teu nome pro supervisor: “Ó, Jussara tal lá, ela e a guria levaram show”. Às vezes uma e quinze da manhã tu tava lá dentro e não era contado nada, porque daí não passava o crachá, o guarda liberava a catraca e nois ia embora. E isso aí nunca vinha no pagamento.”*

Logo após a fala de Jussara, há a fala de Ana. As imagens são seguidas de cenas que expõem um percurso, aparentemente para o local de trabalho. As falas seguintes dizem respeito a cenas subsequentes à fala de Ana.

Ana: *“Aí o teu ritmo de trabalho ele já vai diminuindo, porque tu já vai ficando mais cansado, já vai surgindo alguns problemas. Então ali eu já tinha a sensação de que eu estava me sentindo mal lá dentro, né. Tinha dias que eu chegava na empresa e me arrependia de porque eu tinha ido, mas mesmo assim eu nunca deixava de ir, né, porque eu sabia que eu tinha meus filhos para sustentar. Eu tinha que trabalhar, porque eu era sozinha para sustentar os filhos.”*

Ana: *“Muitas vezes a gente trabalhava sobre a pressão do encarregado. Às vezes a gente já tava fazendo o possível, mas ele queria mais”*

Adelar: *“O que mata eles é a cobrança, cobrança e cobrança. Porque eu pensava assim, se eu chego lá e trabalho, depois que eu peguei a manha da coisa, digo né. Não, se você demora em um pra fazer isso, o outro vem e te cobra.*

Valdirene: *“Eu lembro assim, que tinha dias que a pressão era tão grande que às vezes vinha o japonês visitar, as pessoas de fora que compravam o produto e eles te cobravam tanto, tanto, tanto assim que aquilo ali... que você chegava a tremer quando eles chegavam em cima de ti assim, pra te cobrar.”*

Jussara: *“Porque o serviço era muito pressionado, era muito... uma caixa de coxa e sobrecoxa de vinte quilos a gente ter que cortar em seis minutos... seis minutos e meio. Então era muita pressão, entende? Então cê não tinha como olhar pro lado ali, ir no banheiro... o teu show virava. Então é vinte quilos de coxa pra ti cortar em duas, um tachão... pra ti cortar*

em seis minutos, cinco minutos. Dai eu olhava pra aquilo lá, já tava meio doente, já tava bastante doente. Comecei a chorar, a dizer, eu não aguento mais, eu vou morrer aqui dentro”

Análise 3.1: A partir das cenas e das falas descritas acima é possível compreender que o corpo dentro deste ambiente de trabalho possui um propósito. Um único caminho pelo qual os fenômenos à volta se mostram e interferem na visão do trabalhador sobre si. O sujeito, enquanto operário dentro do frigorífico, se coloca como ferramenta. A esteira correndo, a faca, as peças de carne, e outros objetos desta mesma natureza, são fundamentais e influenciam na perspectiva do sujeito. Os caminhos se fecham perante a quantidade e intensidade dos fenômenos a sua volta. Este se vê privado de possibilidades de ser. O ambiente de trabalho veda os caminhos do sujeito enquanto trabalhador, se vendo como mais uma dentre as ferramentas.

Esta perspectiva do sujeito sobre si, portanto, leva em consideração a ideia do corpo como instrumento de trabalho. Apesar dos braços, dos ombros, das mãos, do pescoço e de outros membros estarem se movimentando para realizar a função exigida, o que se move ao todo é o corpo. É interessante observar que nas falas dos ex-empregados o que fica claro é a ideia de si como o corpo que *somos*. Não há uma referência em que é feita a distinção entre corpo e ser, não é dito a ideia de que, *meu envoltório de carne ficou com tendinite*. O modo como se referem às questões que envolvem o corpo são: *eu tive problemas, a gente começou desossando, para você desossar*. Logo, as frases fazem referência a si mesmos, ou aos outros. E não como corpos, mas como seres.

“Quando uma mãe presencia sua filha morrendo de câncer, não reage como alguém que vê apenas a corrosão da capa da filha. Ou, ao abraçar seu namorado, a moça não acredita estar tocando a prisão que contém sua alma... ou, mais um exemplo, ao cortarmo-nos com uma lâmina de barbear, dizemos “nós nos cortamos” e não, “cortei meu invólucro ou cobertura”. Eu tomo banho, não é meu corpo que se lava. Sonhei que eu estava voando, e não que meu corpo voava. Eu sou meu corpo e não eu tenho um corpo...” (REHFELD, 2004, p. 3)

Neste sentido, o que fica claro perante as descrições é a forma como estes trabalhadores se referem a si mesmos quando não estão na execução das atividades. Fora do ambiente de trabalho, é descrita a concepção do corpo como sujeito. É o modo que este é

lançado ao mundo. E devido a variedade de possibilidades existentes, o corpo irá se revelar a partir da situação presente. O corpo “(...) não se constitui como barreira que nos isola do mundo mas, pelo contrário, atua como uma ponte que nos coloca em permanente contato com o mundo.” (CARMO, 2011, p. 86)

Dessa forma, o trabalho, assim como diversos outros momentos da existência, é uma etapa fundamental da vida, pois diz respeito a um modo de organização e de sustentação do ser em seu cotidiano. Portanto, o corpo lançado à condição de trabalhador de uma indústria frigorífica, irá revelar seus sentidos através do desdobramento da condição pela qual este tipo de trabalho é demandado. De acordo com Paulo Carmo (2011), “Assim como a obra de arte, o corpo revela seu sentido pleno pelo desdobramento de uma dada situação.”

Diferentemente das formas de trabalho modernas em que existe também uma lógica de exploração. A mão de obra operária no frigorífico é a representação da condição tradicional da lógica produtiva taylorista. A demanda por agilidade e praticidade é clara nas descrições das imagens. O aumento da velocidade das esteiras, as peças de carne passando rapidamente, a quantidade de movimentos que têm de ser exercidos para dar conta do serviço, todos estes acontecimentos colocam em tese de que o nosso corpo acompanha o mundo pelo qual estamos vivendo. De acordo com Van den Berg, (2003):

“Para a pessoa sã, tão grande é a função do tempo no mundo, tão importante o ir e vir que se transforma em *movimento*, que o seu corpo se move no mesmo ritmo. Se o mundo for rápido, isto é, se os objetos vibrarem, se tudo indicar impaciência e progresso, então o corpo entrará também na corrida. Se tudo tiver tempo, se os objetos sugerirem descanso e sossego, se mostrarem, talvez, um sinal de eternidade, então o movimento se tornará também vagaroso.” (BERG, 2003, p. 20)

Logo, se no mundo do sujeito o trabalho se apresenta a partir da intensidade, do desgaste, da dor, do sofrimento psíquico, da alta jornada de trabalho, da demanda pela produtividade constante etc., então, suas possibilidades de ser estão ameaçadas. Todos estes aspectos são conflitantes com a possibilidade de se manter satisfeito com suas atividades. O ambiente de trabalho provoca o aprisionamento do sujeito enquanto trabalhador de uma indústria frigorífica, em que não consegue se desvencilhar daquilo. Desta forma, o trabalho,

além de ocasionar lesões permanentes no corpo, cada vez mais confina o sujeito em uma única possibilidade de ser.

Este aprisionamento não dá abertura para julgar se o sujeito está realizando o certo ou o errado consigo mesmo, até porque essa não é a finalidade deste trabalho. Mas a cada momento a sua condição existencial é restringida, a perspectiva sobre si mesmo é reduzida. A fenomenologia enxerga o ser como ser no mundo, em que

“ (...) é ir muito além de ser (humano) e estar (no mundo), mas sim encontrar-se aberto às possibilidades que lhe são oferecidas e superar os limites, se tornando à medida que é lançado ao mundo a cada momento, a cada experiência” (SAMARIDI, 2001 p.290).

Ou seja, fechar a percepção sobre si próprio é ir em direção oposta a um horizonte de abertura, é limitar a experiência enquanto ser neste mundo. Sendo assim, a partir deste aprisionamento do sujeito, é possível compreender que, perante a situação de trabalho no frigorífico, este não se percebe enquanto ser sendo um corpo, mas como ser possuindo um corpo. O cuidado deixa de estar presente e o corpo passa a assumir o papel de ferramenta. “O homem no trabalho, artesão, desapareceu para dar a luz a um aborto: um corpo instrumentalizado - operário de massa - despossuído de seu equipamento intelectual e de seu aparelho mental” (DEJOURS, 1992, p.39). Ou seja, nasce a necessidade de acompanhar as máquinas, aos entes que desempenham tal função. Essa necessidade deriva da demanda pelo aumento da produção, pelo aumento da produtividade do ser.

“O objetivo deste sistema, pode-se adivinhar caso ainda não se saiba, é o aumento da produtividade. Taylor, que, durante seus estudos, teve uma aprendizagem de operário, formulava contra os operários a reprimenda de "vadiagem" (op. cito pg. 230). A "vadiagem no local de trabalho" não eram tanto os momentos de repouso que se intercalavam no trabalho, mas as fases durante as quais os operários, pensava ele, trabalhavam num ritmo menor do que aquele que poderiam ou deveriam adotar.” (DEJOURS, 1992, p.37)

Nas falas dos ex-funcionários é descrito claramente a dificuldade de acompanhar o ritmo das máquinas, da necessidade de ter que manter um nível elevado de produção da qual estes não dão conta a longo prazo. O corpo consegue acompanhar a máquina por um determinado tempo. Contudo, não é duradouro. O corpo, enquanto ferramenta, tem seus

limites. Esses limites são perceptíveis nessas condições, em que a demanda pela produtividade é o foco da situação.

Desta forma, o corpo como instrumento no ambiente de trabalho vai se apoderando do ser, de modo a deixá-lo com poucas opções. A existência vai progressivamente se restringindo a um corpo instrumental. O apenas fazer, o realizar dos movimentos incessantes deslocam a sua existência para a redução de um objeto. Não é como Merleau Ponty irá descrever com a flexibilidade do hábito em que, “O hábito exprime o poder de ampliarmos nosso ser-no-mundo, ou de mudarmos de existência, anexando em nós novos instrumentos” (Merleau-Ponty, Php, p.168, apud CARMO, 2011 p.85). Pelo contrário, neste contexto o que se exprime é a restrição do ser perante uma atividade, não é o instrumento que participa do corpo, mas o corpo que participa do instrumento. Ou seja, todo este contexto direciona o sujeito a compreender o corpo como uma ferramenta, como uma coisa. Ele fica determinado a apenas uma tarefa.

Portanto, a noção de corporeidade que surge no trabalho nos frigoríficos é o corpo reflexivo, físico, mecânico. Constituído de carne e de membros, pois a instrumentalidade remete o sujeito a esta noção de corpo. A algo separado das suas possibilidades existenciais, a um corpo separado do seu ser.

“É necessário salientar que, no estado pré-reflexivo, homem e corpo estão muito estreitamente entrelaçados, senão idênticos, enquanto a simples reflexão já cria aí uma distinção. Dessa reflexão de todos os dias originou-se a convicção de que o corpo pertence ao mundo dos objetos materiais. E essa convicção, de que o corpo é um objeto material, tornou-se extraordinariamente fértil no campo da ciência médica, pois o objeto *que se tem* pode ser dissecado e, dessa forma, podemos procurar entendê-lo; ao passo que aquilo *que somos não pode ser dissecado*.” (BERG, 2003, p.17)

Esse corpo reflexivo não é submetido pelo próprio ser. Ele o aceita, porém o mundo em que se encontra abarca poucas opções. “O mundo não consegue nos abrigar e acolher da mesma maneira como faz com os elementos naturais. (...) Ser-no-mundo como homens é habitar esta e nesta inospitalidade”(CRITELLI, 2006, P.17). Diante dessa insegurança mundana, o trabalhador recebe um chamado deste mundo para ser apenas uma restrição do fazer, ele é convocado para ser apenas instrumento. Essa será a possibilidade e a percepção

existencial que estará disposta a ele ou ela naquele momento. O corpo, “(...) exerce um papel de mediador por excelência, já que nos põe em permanente contato com o mundo e marca a presença do mundo em nós” (CARMO, 2011, p.77). Este contato, portanto, provoca a abertura da relação entre sujeito e o trabalho, que no caso da indústria frigorífica, o dispõe como instrumento.

O mundo apresenta para o sujeito que ferramentas são substituíveis, há um esgotamento de sua funcionalidade. A partir do momento em que ela começa a degradar-se, a ficar enferrujada ou quebra de alguma forma, o primeiro pensamento é de providenciar outra. O mesmo ocorre com o ser no ambiente operário. O trabalho não leva em consideração o trabalhador como um sujeito que existe para além da sua condição trabalhista. A mesma lógica da ferramenta que é substituída se aplica para a situação da existência do empregado enquanto instrumento. Há um descarte, assim como é feito com o objeto. O mundo chama o ser a se sujeitar de tal forma. O contexto capitalista determina que no espaço de trabalho, ou seja, na perspectiva da produção, o ser não irá ser atendido. Não há atenção a aquilo que pode desviar a meta do capitalista.

Contudo, o que faz o trabalhador voltar-se a si, a lembrar dos seus limites e das suas outras possibilidades de ser, é justamente a condição em que o corpo se encontra. O trabalhador enquanto ferramenta se afasta da possibilidade de objeto, pois abre-se a preocupação consigo mesmo a partir da dor que sente. Quando o sujeito depara-se consigo mesmo não conseguindo mais alcançar o ritmo das esteiras, ou não realizando a quantidade de movimentos que antes tinha que fazer em determinado tempo, é que surge a atenção ao seu ser. Todos os fenômenos que antes se mostravam e regiam a forma como este tinha que ser, acabam por ser interrompidos por uma condição que foge do controle. Pois, o corpo aparece como limitador, como um dosador para toda a sobrecarga de movimentos e atividades exigidas.

“Na enfermidade o corpo torna-se presente e manifesto, mas aparece em desordem disfuncional, quebrado. Não apenas o corpo torna-se presente em uma condição de desordem, mas também manifesta como um foco exigente de atenção. Se na condição saudável a atenção estava posta nas orientações sintonizadas para as metas do agir cotidiano - ou para aquelas modificadas dos modos deficientes de estar-no-mundo -, com a enfermidade a atenção é presa ao corpo disfuncional” (REIS, 2016, p.126)

Dessa forma, o ser cede até que a dor apareça, até o momento em que os membros atrofiados sinalizam que a possibilidade do ser como objeto de trabalho foi exaurida. O corpo, dentro das próprias possibilidades de ser, que antes se via como única, agora precisa ser repensada como ferramenta. A existência do sujeito é abalada pela dor, pelo trabalho exaustivo que executou sem se dar conta a longo prazo dos seus limites. Ou seja, a LER/Dort surge para o trabalhador com um lembrete de que este não se resume a um utensílio de trabalho. De que o seu ser não se limita a uma única possibilidade.

Diante dessa situação, o sujeito encontra-se em um estado de dor e sofrimento. Não apenas por conta da impossibilidade de continuar trabalhando, mas também pela questão da doença acometida pelo trabalho interferir em campos da sua vida pessoal. As tarefas cotidianas que antes eram feitas de formas banais, sem dificuldades, passam a ser um desafio. Tudo aquilo que perpassa sua existência rotineira começa a se tornar um problema por conta das lesões, do atrofiamento dos músculos que prejudicam a realização de tarefas básicas da vida existencial. Mexer em uma panela, escovar os dentes, pegar a toalha etc., tornam-se momentos de dor e sofrimento. E o que aparece é o corpo desgastado, um corpo doente.

3.2. Corpo desgastado e o corpo doente

Nessa etapa do trabalho, a categoria de análise foca na situação de descarte da mão de obra, uma lógica viciosa do capital de se desfazer dos problemas que o próprio sistema criou. Foram separadas falas que retratam a visão do sujeito sobre si mesmo, sobre o corpo doente e as implicações da LER/Dort na vida cotidiana.

A primeira cena desta categoria, diz respeito a fala de um trabalhador que comenta do cansaço mesmo com a orientação e realização dos exercícios e alongamentos. Enquanto este relata, há imagens de trabalhadores executando os exercícios dentro das fábricas sem sair da posição da realização de sua tarefa. O trabalhador descreve:

“A gente fazia uns exercícios, uns aquecimentos antes de começar o trabalho. Mas mesmo assim tinha dias que você já chegava cansado. Nem sempre você chegava recuperado do dia anterior.”

No próximo momento do documentário é retratada uma instalação do INSS. As imagens adentram no local e captam algumas regiões da instalação. Ao fundo há a fala de um

ex-empregado comentando sobre as dificuldades no acompanhamento da velocidade da esteira. Logo em seguida há uma fala de outro ex-empregado, este relata os diagnósticos feitos por conta das dores que sentiu com relação às lesões proporcionadas pelo trabalho. Durante essas falas, as imagens cortam para um sujeito entrando em um sala do INSS em que na porta está escrito “terapeuta ocupacional, sala 34”. A cena é voltada para dentro desta sala e em seguida há uma situação de análise, o foco é em duas mãos. Uma está realizando um tratamento, avaliando as condições dos movimentos, e a outra está justamente sendo avaliada. A terapeuta ocupacional conta:

Juliana – Terapeuta Ocupacional: “ (...) é alto... é uma porcentagem bem grande assim. De uns 80% mais ou menos do público atendido na reabilitação aqui na região é de frigoríficos. Ainda é um pouco difícil porque o círculo vicioso ele já foi criado, né. O trabalhador adoece e vem pro INSS, e se ele não consegue retornar ele fica aqui e as empresas vão contratando outras pessoas. Então já criou um ciclo que agora para desfazer... não é tão rápido e fácil.”

A próxima cena tem como foco a região centro-oeste do Brasil. Na imagem há um pasto com algumas vacas se alimentando. Em seguida, a câmera se dirige a Éder, um jovem ex-empregado. Sentado em uma mesa de madeira do lado de fora de uma casa, relata:

Relato – Éder: “A carretilha prendia uma na outra e quando uma perna ia, a outra ficava parada. Então quando a outra chegava de escapar o boi vinha com tudo. E era avisado pra tá mudando isso, foi avisado... pra tá deixando legal, pra gente trabalhar de uma forma melhor.... e não foi feito. Aí nesse dia aconteceu isso aí, escapou, quando o boi veio eu tava tirando a pata dianteira dele, foi onde ele bateu no meu braço direito, que era o braço da faca, né. No outro eu tava segurando que foi onde a faca atingiu o meu braço esquerdo. Foi feio o negócio, aqui cortou feio mesmo. Daí perdi o movimento do quinto e do quarto dedo, até hoje não tenho o movimento mais 100%. 120 pontos, por dentro e por fora.”

Na cena seguinte, o documentário acompanha um pedaço do cotidiano de Ana, uma ex-trabalhadora. As imagens seguem a moça que caminha pela região onde mora com destino a uma igreja. Durante o percurso, é exibido sua narração sobre os problemas burocráticos e a

falta de direitos trabalhistas que enfrentou durante a época como funcionária de um frigorífico. Ana acrescenta:

Ana: *“(...) mas eu me sinto mal de ficar em casa. Daí eu não saio nem nos vizinhos para passear, tomar um chimarrão, porque assim, eu me sinto envergonhada de não tá trabalhando. Eu me sinto, assim, bem mal mesmo de não poder trabalhar. Hoje muitas vezes eu me arrependo, sabe? porque que eu trabalhei tanto de me arrebentar de trabalhar, e hoje to sem condições de trabalhar e não tenho renda nenhuma... É, não é fácil.”*

Após uma sequência de cenas de trabalhadores realizando diversas atividades no frigorífico, há uma transição para um ex-empregado, Luna. Este, em sua casa, comenta sobre o acidente que sofreu no dia 18 de fevereiro de 1997. Apesar de não ser referente diretamente à uma lesão por esforço repetitivo, ou uma doença osteomuscular, o acontecimento se configura como acidente de trabalho, assim como a LER/Dort. Logo, seu relato é importante de ser considerado, pois se inclui como uma doença ocupacional.

Luna: *“Não, o dia da semana não lembro, mas o dia do acidente eu lembro foi dia 18 de fevereiro de 97 por volta de umas sete e meia 8 da manhã mais ou menos. Não saía de dentro de casa, só ficava ali dentro do barraquinho, se não dentro do quintal, colocava a cabeça no portão ficava com vergonha das pessoas me verem daquele jeito. Até as pessoas que iam me visitar lá no começo eu procurava pedir para minha irmã, para mim se esconder: “Não, fala que eu não to”. É um impacto muito grande porque você... aconteceu esse acidente eu tinha 26 anos, 27 anos. E toda a vida fui acostumado a trabalhar na roça, a desenvolver atividades com os dois braços, aí foi que dificultou muito mesmo, porque até você esquecer aquilo que você já passou e aprender uma nova vida é muito complicado principalmente em uma situação dessa.”*

“Do jeito que eu entrei na cama fria, tinha muito gelo e o gelo entrou na bota e quando fui subir a escada que eu liguei a máquina que eu fui subir a escada pra poder operar a máquina, quando cheguei no último degrau, pisei, escorreguei e caí dentro da máquina. Eu ia caindo com os 2 braços aí tinha um ferro de lado assim e ainda consegui segurar com esse braço aqui, aí máquina que eu apoiei com esse braço pegou na rosca sem fim e me puxou para dentro da máquina.”

Nessa parte final do documentário há um enfoque em Valdirene, uma ex-empregada. Ela relata o percurso de seu adoecimento e do sofrimento pelo qual passou enquanto trabalhadora de um frigorífico. As imagens concentram-se na sua fala e em alguns pequenos movimentos dos dedos da mão. Valdirene relata:

Valdirene: *“Fui adoecendo, fui adoecendo... até que, quando fazia 11 anos que eu tava na empresa, eu não aguentei mais. Meu braço aqui, eu trabalhei tanto com dor que o nervo aqui começou a repuxar. Ele puxava os dedos tudo pra trás. Nossa, a dor era terrível. Daí eu fui pegar férias, daí eu fui no médico da empresa e pedi pra fazer um ultrassom que eu nunca tinha feito. Daí eu peguei e fiz, fiz esse ultrassom e levei o resultado pro médico. Quando o médico olhou assim, ele ficou espantado. Ele olhou pra mim assim, “Bah, teu braço tá podre, teus nervos tá tudo atrofiado”. Eu trabalhei 11 anos e eu nunca tive um atestado pra levar um filho no médico. Eu sempre dava um jeito de ir de manhã. Eles até chegaram a dizer que meu problema era devido a ir trabalhar de moto. Até isso eles...”*

“Não sabia fazer nada com essa mão, porque eu era esquerda, né. Essa aqui pra mim agora é esquerda, tive que aprender a fazer tudo, comer. Os primeiros dias caia no chão, era a mesma coisa que tu ir comer com a outra mão, é terrível.”

Análise 3.2: Nestes trechos, os relatos dos ex-empregados descrevem os sofrimentos que o trabalho deixou em suas vidas. Os acontecimentos de maneira geral dizem respeito a acidentes durante a atividade laboral que refletem na falta da segurança, portanto, na ausência de cuidado sobre aqueles que atuam na mão de obra frigorífica. Além disso, há uma compreensão dos próprios trabalhadores sobre si como sujeitos descartáveis, como pessoas que foram esquecidas por não serem mais úteis no trabalho. Logo, estes percebem o corpo como fundamental no papel enquanto funcionários da indústria. As dores, a sensação de descarte, a impossibilidade de sentir-se trabalhador, acabam por criar no sujeito um sentimento para além do ambiente de trabalho, pois o corpo doente, toca necessariamente em seus cotidianos.

A falta de trabalho, ou melhor, a consequência de não conseguir mais trabalhar, expõe uma fragilidade em sua existência. Ter uma atividade laboral é visto como um fenômeno

importante para o sujeito. Muitas vezes é no trabalho que ele enxerga aberturas para a existência, para ser.

O significado que o sujeito enquanto trabalhador coloca para o trabalho não se resume ao tempo de expediente, vai mais adiante do que simplesmente a execução de um cargo, ou a necessidade da remuneração. Apesar de ambos serem aspectos imprescindíveis para a vivência e constituírem principalmente uma sobrevivência neste mundo, há também o sentido de se sentir pertencente. Na experiência de participar do mundo assim como as demais pessoas. Em ter um papel em meio a este mundo, em atribuir um significado para a existência.

“Através do labor, do Trabalho e da Ação (Arendt), os homens vão garantindo ao real sua objetivação, portanto, sua objetividade. Trata-se, *grosso modo*, da produção do mundo e da construção da História. Simultaneamente e através destes produzir e construir, todo e cada homem vai cuidando de ser si mesmo enquanto singularidade e pluralidade, no desenvolvimento de seu destino pessoal e coletivo. Assim desenvolve seu ser-no-mundo, lidando com as coisas e falando com os outros (Heidegger).” (CRITELLI, 2006, p.130).

Através da atividade laboral o sujeito enxerga uma forma de se sentir no mundo, e apoiado nela este se produz e constrói a si próprio. A partir do momento em que essa possibilidade, aparentemente, se fecha para o sujeito, a fragilidade se manifesta em sua vida, pois a inviabilidade de poder trabalhar afeta sua existência, e questiona o seu lugar no mundo.

“Objetivado, o real é *signo* de uma trama significativa, fora da qual ele é mero troço, coisa nenhuma, perdendo sua *realidade* e *significação*. Nesta mesma medida, cada signo reúne e guarda nele mesmo a complexidade e a significação da trama a que pertence, revelando as relações que entre eles se mantêm. Cada signo contém em si o registro, a conservação e a sinalização de um certo *modo de se habitar o mundo*. (CRITELLI, 2006, p.130)

Logo, se é perdida essa trama significativa, se o trabalho passa a não ter mais o sentido que tinha antes, pois o empregado não pode mais assumir o papel de trabalhador, o que se revela é o “mero troço, coisa nenhuma”. Porém, no caso do corpo doente, não foi o sujeito que por livre e espontânea vontade saiu do trabalho, mas o trabalho que saiu de sua vida. A realidade exploratória já existia, mas este estava preso às suas possibilidades. Preso, pois a situação no ambiente laboral, a sua condição de mundo e os fenômenos se expressavam de

forma hostil. Não há a garantia de direitos que possam assegurar o trabalhador de que este não irá se ferir. A LER/Dort é uma consequência direta de toda essa expressão do mundo do trabalho. Este mundo chama o sujeito a trabalhar perante essas condições.

“Algumas categorias profissionais são expostas a riscos relacionados à integridade física. É o caso, por exemplo, da construção civil, da pesca em alto-mar, dos trabalhos em profundidade, das indústrias de preparação de produtos tóxicos etc. Em todos estes casos, os riscos estão relacionados ao corpo do indivíduo. Pode tratar-se de asfixia, queimadura, fratura, ferimento, morte violenta, afogamento, acidente. A causa material do dano físico pode ser um incêndio, uma explosão, um escapamento de gás tóxico, um acidente de descompressão, circunstâncias atmosféricas, irregularidades no funcionamento de um instrumento ou de uma máquina. Podemos descrever diversas características destes riscos: o risco é exterior e na maioria das vezes, inerente ao trabalho; independente, então, da vontade do trabalhador. Por outro lado, frequentemente (mas nem sempre) o risco é coletivo: numa indústria química um escapamento de gás pode provocar a intoxicação ou morte de vários trabalhadores. É o que se observa muitas vezes neste tipo de acidente.” (DEJOURS, 1992, p.64)

Dessa forma, quando o sujeito se acidenta ou com o tempo os músculos atrofiam, não conseguindo mais trabalhar, a LER/Dort se apresenta não apenas de forma física, mas de forma existencial. O corpo representa para o ser a sua possibilidade fundamental como mão de obra. Sem o corpo, o mundo não o aceita, na verdade, o rejeita, o substitui por um corpo saudável. Essa lógica do mundo é imposta e o sofrimento que surge rompe com a sua possibilidade como trabalhador. As possibilidades de existência se restringem novamente, assim como antes que se percebia como ferramenta, agora, se percebe exatamente como uma ferramenta quebrada, como um ser sem utilidade. O trabalho demanda de instrumentos que funcionem e ao deparar-se consigo mesmo, o que encontra é um objeto sem finalidade.

Essa percepção de si como objeto esgotado, acaba por invadir o dia a dia, pois a dor, justamente, passa a invadir o cotidiano. A preocupação que antes existia no trabalho, cada vez mais passa a entrar para “(...) a vida que é vivida na existência de todos os dias” (BERG, 2003, p.18). Ou seja, no corpo pré-reflexivo. As tarefas básicas, rotineiras, vão ficando cada vez mais difíceis de realizar, ou seja, afetando não apenas o corpo ou o ser, mas ambos. O simples movimento torna-se complexo, difícil de ser executado. A vivência do dia a dia vai se tornando cada vez mais estranha e difícil.

(...) o exame normal dirige-se a órgãos que não tem significado para o paciente. Quando o paciente de úlcera gástrica queixa-se do seu estômago, não se refere ao órgão, anatomicamente descrito, situado abaixo do seu diafragma, chamado estômago, *ventrículos* ou *saccus digestivus* - mas àquele outro órgão que, quando uma pessoa come, recebe e digere: o seu *estômago*. (BERG, 2003, p.18)

É neste sentido como Van Den Berg descreve, se o trabalhador sente o corpo dolorido, lesionado, ou alterado este não irá referir-se exatamente ao nome científico da região. O sujeito irá manifestar a dor a partir de descrições simples, como *meu braço*, *minha perna*, *meu peito*, *minha mão*, *meu cotovelo* etc. E assim, se refere não apenas ao corpo, mas também a si mesmo. Por conta disso é que a dor interfere no corpo pré-reflexivo, pois as atividades cotidianas, a existência do dia a dia, é incomodada pela LER/Dort. Os movimentos básicos anteriormente realizados com esforço mínimo, se configuram para um grau de complexidade causado pela dor.

O sujeito torna-se LER/Dort, ele percebe-se como um corpo lesionado, uma ferramenta sem utilidade. Este novamente não enxerga as possibilidades de ser, pois a dor está ali presente a todo momento sinalizando para si mesmo as condições em que se encontra, sobre não conseguir mais fazer algo que antes conseguia.

“Na experiência da enfermidade, apresenta-se também a perda da liberdade de ação, seja pelas inibições promovidas pela enfermidade e pelo tratamento, seja pela falta de conhecimento que orientariam a escolha de um melhor curso de ação” (REIS, 2006, p. 128)

Sendo assim, o corpo doente, acometido pelo trabalho, não manifesta a simples constituição do quadro antes e depois da dor. Inclusive, este antes e depois coloca em questão novamente a ideia de que *somos* um corpo. Pois ao lesionar um membro, não é apenas aquele membro que estará machucado, significa tudo aquilo que o sujeito não pode mais realizar por não ter mais aquele membro disponível como costumava ter. Se o sujeito possui um problema no braço, não significa apenas que este não pode mexer o braço, significa a implicação de tudo aquilo que ele não pode fazer por não poder mais mexer o braço.

Portanto, o músculo atrofiado ou outros danos que resultaram na perda de movimentos de algum membro, são fenômenos que se manifestam no corpo, penetram no ser a ponto de se

apoderar dele. O sujeito vive a LER/Dort, ele existe a partir da dor. E o mundo do sujeito cada vez mais torna-se diferente do habitual. Os costumes que antes tinha se esvai, e o habitual torna-se outro, tem que se apropriar de uma rotina que antes não possuía. A mão que conseguia abrir e fechar, passa a não ter a mesma funcionalidade. O aspecto muda, a imagem do corpo torna-se outra, mas fundamentalmente ainda é o mesmo corpo, fundamentalmente ainda é o mesmo ser. Mas, talvez, em um tempo diferente do que poderia estar.

3.3. Obsolescência desprogramada

Esta última categoria de análise tratou da perspectiva do sujeito com relação a sensação do tempo como trabalhador ter sido perdido, de que a idade que possui não condiz com a condição que se encontra. Os relatos são breves e a imagem retratada para dar fim ao documentário simboliza esse sentimento com relação ao desgaste antes do tempo.

Após a fala de Paulo, o documentário conduz para o descontentamento de Ana com a impossibilidade de não conseguir mais trabalhar. Ana relata:

Ana: *Só que é uma coisa assim bem difícil, porque a pessoa que se criou, no caso, desde criança trabalhando... hoje eu tô apenas com 48 anos eu teria muito tempo para trabalhar ainda, né. Se sentir sem força mais, não é fácil. Olha eu já tive ou a época de não conseguir mexer uma panela, juro (choro).*

A próxima cena ocorre com Valdirene em sua casa, deitada com as costas no acento do sofá. O marido está ao seu lado com um copo de água, ela se vira e ingere um medicamento que está segurando com a mão direita. A mão esquerda já não consegue mais utilizar bem, está atrofiada. Valdirene relata:

Valdirene: *“(...) todo dia de manhã ele tinha que abrir minha mão, fazer massagem, porque eu não abria mais a mão. Os dedos ficavam tudo atrofiado assim, era horrível, duro assim. E eles fizeram um dia, eu entrei com os dedos lá assim, e eles fizeram... no último dia que eu trabalhei, me fizeram colocar a faca no meio dos dedos (com a mão atrofiada), trabalhar o dia inteiro assim. Eu nunca me esqueço. (...) O dia que meu marido não conseguia abrir mais a minha mão... todo dia ele abria os dedos e aquele dia os dedos não voltaram mais, os dedos ficaram atrofiados, não aguentou mais. Mesmo que ele abria, eles*

vinham sozinho, os nervos repuxavam, ele via o nervo repuxar. Ele enlouqueceu. Eu cheguei lá na enfermaria, fui até mais cedo, eles olharam assim, deixaram eu ainda numa fila enorme pra ser atendida. Aquele dia, foi o dia que eu me desesperei. E daí eu pensei assim, meu deus o que fiz da minha vida, não tinha nem 36 anos, 35 anos.”

Na cena final do documentário, após a fala de Valdirene, há um relógio de braço em cima da mesa. A câmera não desfoca a ponto de o telespectador conseguir ver as horas marcadas, deixando somente a imagem preenchida com o relógio de braço sobre a mesa. Não há trilha sonora, apenas o som bem distante do ponteiro passando aos poucos pelas unidades. E assim, permanece por pelo menos uns 15 segundos até que a tela escurece e os créditos aparecem.



Análise 3.3: O relato e a simbolização da imagem acima retratam a percepção do sujeito sobre si perante o contexto da ausência do trabalho na vida. Há na fala, o conteúdo do desamparo, de não ter mais caminhos, de que algo ficou para trás. Esta refere-se ao corpo que deixou na fábrica, que entregou para o trabalho. Algo carece em sua existência, há um sentimento de falta. Um sentimento de que no passado algo diferente poderia ter acontecido. Se estabelece uma desesperança, em que não há volta ou caminhos possíveis para serem seguidos. Novamente, a vivência da dor se sobressai e oculta o que pode ter adiante.

Essa desesperança coloca em questão justamente a condição do viver da doença. Ao contrário do que poderia aparentar, não significa que o sujeito não está vivendo. Apesar do sofrimento estar infligido e proporcionar uma ausência de perspectiva, o que ocorre é a

manifestação do sujeito enquanto ser. Pois, “Ser é aquilo que permanece” (MAY, 2000, p.104), ou seja, o sujeito continua sendo mesmo nessas condições. Há um experienciar no conhecer a si mesmo diante do acontecimento (MAY, 2000). A percepção do sujeito como um trabalhador doente, uma ferramenta inutilizada ou como LER/Dort manifesta a sua forma de existir.

Logo, nesta experiência do existir na doença, é experienciada, simultaneamente, a limitação: um viver *até que ponto*, ou *que tipo de vida é essa*. É imposto estes questionamentos, pois a limitação, o não enxergar das possibilidades, além de provocar a desesperança, também evoca a perspectiva da finitude. De que há um fim, e que neste caso, pode não necessariamente ser a morte, mas a configuração de um fim enquanto trabalhador. Toda essa situação, portanto, exprime um não-ser. No sentido de que se perdeu definitivamente uma parte da constituição da sua existência.

“Tampouco precisamos chegar ao exemplo extremo da morte para descobrir o problema do não-ser. Talvez a forma mais onipresente do fracasso no confronto com o não-ser em nossos dias esteja no *conformismo*, a tendência do indivíduo de se deixar absorver num mar de atitudes e respostas coletivas, de ser engolido em *das Mann*, com a correspondente perda da própria consciência, das potencialidades e de tudo o que mais que o caracterize como um ser único e original. O indivíduo escapa temporariamente da ansiedade do não-ser por esses meios, porém, à custa da perda de seus próprios poderes e do sentido existencial.” (MAY, 2000, p.118)

Dessa forma, o sujeito enxerga o estado do corpo junto das dificuldade de executar tarefas cotidianas, e conforma-se com seu não-ser enquanto trabalhador. Antes mesmo deste contexto, as condições insalubres de trabalho já estavam a todo momento ameaçando-o, mesmo que este não conseguisse olhar detalhadamente as formas de violência, em como os fenômenos se manifestavam, o seu existir como empregado era ameaçado a todo momento em que a dor aparecia, sinalizando-o dos limites. Portanto, o limite que o corpo sinalizava dentro e fora da fábrica era a sinalização do limite como trabalhador de frigorífico, era a ameaça de sua existência enquanto operário de fábrica.

Sendo assim, o futuro para o sujeito se apresenta como um anúncio do limite. A experiência do ser sobre a LER/Dort é vivida como um fim do papel como trabalhador. Não é algo que se limita ao presente, mas que chega à falta de perspectiva futura. Além disso, não se

trata de um limite desejável, não diz respeito ao envelhecimento comum que chega com a idade, mas da percepção da certeza do restringimento sobre si. Do quanto o sujeito encontra-se limitado perante a sua vivência, a ponto de não enxergar possibilidades futuras existenciais. De modo que a manifestação da LER/Dort indica necessariamente uma doença vinculada ao desgaste do corpo pelo trabalho, e que prejudica o ser-no-mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque do trabalho foi analisar e ampliar a compreensão da vivência daqueles que sofrem com LER/Dort a partir dos significados e sentidos envolvidos na vivência exposta no documentário. Como resultado, além da LER/Dort, o corpo foi um aspecto bem explorado, e com o uso da atitude fenomenológica, despertou a perspectiva da unicidade entre ser e corpo, em que atingir o corpo implica em atingir o ser. Logo, outras vertentes da psicologia poderão observar a separação entre o aparelho psíquico e corpo, possibilitando explorar sofrimentos de lugares separados, porém influenciados um pelo outro.

Dito isso, apesar do recorte ser justamente na atividade fabril, os acidentes e condições insalubres no trabalho não se restringem ao chão de fábrica, a LER/Dort atinge também outras categorias profissionais. Não apenas a LER/Dort, mas outros diversos tipos de sofrimento podem surgir num ambiente de trabalho que aparentemente seja seguro. Além de que foi possível observar apenas algumas das problemáticas existentes da relação entre o sujeito e a atividade laboral.

Se tratando do documentário “Carne e Osso” (2011), foi possível analisar os impactos opressivos que a LER/Dort provoca no corpo e na existência do ser. A um ponto de restringir não apenas a relação entre sujeito e trabalho, mas do seu convívio com os outros, de afetar o seu ser-no-mundo. À primeira vista, é importante olhar para essa condição na qual o sujeito se encontra como operário do frigorífico. Perante decisões pessoais que devem ser tomadas, este não se vê com muitas opções e aceita as adversidades do ambiente de trabalho que lhe são impostas. A expressão violenta, agressiva e opressora dos fenômenos no ambiente de trabalho causam mudanças no seu modo de ser, na perspectiva do sujeito sobre si mesmo, a ponto de se objetificar.

A instrumentalidade torna-se um problema a partir do momento em que ela incide no sofrimento. É preciso olhar para todo o contexto que leva o sujeito a chegar ao ponto da LER/Dort. Quando se trata de uma atividade que coloca em jogo os limites do corpo do sujeito, a ponto de ficar doente, não se trata de uma instrumentalização banal, mas de uma instrumentalização forçada, a uma demanda externa que necessita ser atendida. O empregado precisa cumprir com seu dever, caso contrário irá se responsabilizar pela falta deste cumprimento. E assim, movimenta o corpo na iminência da dor.

De acordo com o que foi analisado, abre-se a possibilidade para o sujeito, no trabalho dentro do frigorífico, tornar-se mera ferramenta. O mundo o convoca para essa finalidade. Se instrumentalizar para conseguir acompanhar as máquinas. Este enxerga somente essa possibilidade como trabalhador do frigorífico, tem que ser a engrenagem que acompanha a esteira. Consequentemente, chega um momento em que a dor impede a mesma intensidade de movimentos e sinaliza que o sujeito não se reduz a máquina. Pois o corpo enquanto objeto possui um limite, os instrumentos possuem um tempo de uso até que fiquem inutilizáveis. E assim como o objeto que é substituído, o mesmo acontece com o funcionário, pois a dor que sente reafirma a perspectiva instrumental a qual se vê submetido.

Com toda essa conjuntura, o que permanece no sujeito é a percepção de si como instrumento inutilizado, substituível. As indústrias frigoríficas não se interessam por um trabalhador doente, pois na visão deles será apenas uma pedra no meio das engrenagens. Enquanto que para o sujeito, não ter trabalho significa questionar o seu ser-no-mundo, manifesta-se uma lacuna em sua existência, algo lhe falta, e não é apenas o trabalho, mas também o corpo. Como foi visto, o corpo encontra-se em outra situação, pois a LER/Dort o impede de realizar as tarefas básicas no seu cotidiano. A vivência passa por um período de dificuldades que vão além do contexto fabril, o sujeito encontra-se sem possibilidades de ser, pois trabalhar lhe constitui enquanto trabalhador.

Ou seja, quando a LER/Dort se instaura na vivência do sujeito, no viver do dia a dia, manifesta-se também a impossibilidade de trabalhar. Este não enxerga opções perante o corpo lesionado, pois o trabalho não o aceita. Consequentemente, seu lugar no mundo é abalado, passa a viver num contexto diferente do que o usual, agora tem de conviver com a dor. O sujeito torna-se essa dor, vive as consequências do corpo doente, do realizar doente das tarefas do cotidiano. Ele torna-se LER/Dort, pois é isso que vive. Não pode apenas ignorar a si próprio, uma vez que as dificuldades estão ali presentes, assim como o corpo doente.

Diante dessa situação o trabalhador encontra-se desamparado, as possibilidades de ser estão vedadas pela única expressão que lhe cabe neste momento que é a dor. Ao olhar para a LER/Dort enxerga a doença como limite, manifesta-se como um fim ao seu papel enquanto trabalhador. Nesse viver manifesta-se o não-ser. Apenas pelo fato do sujeito ter experienciado o viver enquanto trabalhador, que é possível que possa aparecer o viver enquanto não

trabalhador. Como foi visto, os relatos revelam essa noção do corpo estar à frente do tempo, de que a idade não convém com a situação do corpo.

A Ler/Dort prende o sujeito a experiência do fim enquanto operário de frigorífico. Este não consegue se desassociar do papel de ferramenta que lhe foi imposto. Imposto, pois as condições e pressões do mundo lhe forçaram a aceitar esse papel. Sendo assim, não cabe a este trabalho julgar ou questionar por qual razão do sujeito ter chegado onde chegou. Até porque a situação no documentário está dada. As opções são poucas, não se trata de um país em que as possibilidades de trabalho são as mesmas para todos. Há uma conjuntura desigual. A escolha do horizonte de possibilidades se abrem a partir daquilo que é possível, daquilo que está ao alcance. Quando se trata de um ser-no-mundo atravessado por diferenças de realidades, no sentido de oportunidades distintas, não é cabível responsabilizá-lo pela condição que se encontra com relação a LER/Dort, ou seja, culpá-lo por essa situação.

Por se tratar da visão dos ex-empregados das fábricas este trabalho foi realizado a partir de descrições das vivências e experiências deles perante a situação de trabalho dentro dos frigoríficos. Apesar da fenomenologia responsabilizar o ser por suas ações e decisões, não se pode olhar para a situação do trabalhador que perdeu a movimentação de uma parte do braço durante as tarefas repetitivas e insanas que realizava, e responsabilizá-lo por isso. Os acidentes de trabalho não dizem respeito à atualidade ou a poucos casos, há milhares de registros de empregados doentes na história. O próprio documentário provoca essa informação. Aquele que deve ser responsabilizado é o fornecedor, é quem detém os meios de produção.

Após esta contestação sobre a responsabilização do trabalhador com LER/Dort, o que se pode compreender neste trabalho é justamente a forma que a LER/Dort afeta a existência do sujeito, em como a abertura para o horizonte de possibilidades fecha-se. Apesar do trabalho fornecer possibilidades para ser, tem de se questionar que possibilidades são essas e a que ponto é aceitável para o sujeito passar pela violência trabalhista. Devido às condições precárias, a expressão do ambiente de trabalho é agressiva e leva o sujeito a ter que se sujeitar a uma forma de ser que não lhe convém a longo prazo. A instrumentalização da sua vivência afeta sua condição de existência para fora do ambiente de trabalho.

Dessa forma, é possível observar até que ponto da vida do sujeito essa doença alcança. Em avaliar os impactos corporais que a LER/Dort causam. É importante frisar que apesar da

referência da dor ser dirigida para LER/Dort, tem de se ter em mente que a origem, ou seja, a causadora dessas lesões não se deve por ela mesma, mas especificamente ao trabalho, ao desgaste do corpo causado pela excessiva e intensa atividade laboral demandada. No sentido de que o trabalho não dá o devido olhar para o trabalhador, não há um olhar para além de sua função empregada.

Portanto, não há um cuidado por parte do trabalho com o sujeito, conseqüentemente, o trabalhador também esquece de se cuidar, de olhar para si, pois o que foi mostrado a ele é que sua utilidade se resume a realização de tarefas incessantes e dinâmicas, e que de resto, não há necessidade de ser trazido para o frigorífico. O sujeito permanece centrado na ideia de que é uma ferramenta, de que seus problemas são irrelevantes. A instrumentalização é tanta que mesmo após a ausência do trabalho em sua vida, este se vê como uma ferramenta quebrada. Sua existência se resume a isso, e assim como uma ferramenta quebrada, seu lugar no mundo aparentemente torna-se inóspito, não há espaço para um instrumento que não funcione. A insegurança toma conta do sujeito, abala não apenas o presente, mas as perspectivas futuras de ser.

REFERÊNCIAS

MUROFUSE, Neide Tiemi; MARZIALE, Maria Helena Palucci. Mudanças no trabalho e na vida de bancários portadores de Lesões por Esforços Repetitivos: LER. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 9, n. 4, p. 19-25, 2001 . Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692001000400004&script=sci_arttext. Acesso em: 24 de Abril de 2020

DE COMPLEXIDADE DIFERENCIADA, Protocolos. Dor relacionada ao trabalho. Ministério da Saúde. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/dor_relacionada_%20trabalho_lesoes_ler.pdf. Acesso em: 25 de Junho de 2020

BARBOSA, Maria do Socorro Alécio; SANTOS, Regina Maria dos; TREZZA, Maria Cristina Soares Figueiredo. A vida do trabalhador antes e após a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e Doença Osteomuscular Relacionada ao Trabalho (DORT). **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 60, n. 5, p. 491-496, Oct. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672007000500002&script=sci_arttext. Acesso em: 9 de junho de 2020

DALE, Alana Pires; DIAS, Maria Dionísia do Amaral. A ‘EXTRAVAGÂNCIA’ DE TRABALHAR DOENTE: O CORPO NO TRABALHO EM INDIVÍDUOS COM DIAGNÓSTICO DE LER/DORT. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 1, p. 263-282, Apr. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462018000100263&script=sci_arttext. Acesso em: 22 de Maio de 2020.

ALENCAR, M.; OTA, N. O afastamento do trabalho por LER/DORT: repercussões na saúde mental . **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 60-67, 1 abr. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14121>. Acesso em: 9 de Junho de 2020

ZAVARIZZI, Camilla de Paula; CARVALHO, Regina Mituyo Matsuo de; ALENCAR, Maria do Carmo Baracho de. Grupos de trabalhadores acometidos por LER/DORT: relato de experiência. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos , v. 27, n. 3, p. 663-670, Sept. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2526-89102019005006108&script=sci_arttext. Acesso em:

TORRES, Amélia Romana Almeida et al. O adoecimento no trabalho: repercussões na vida do trabalhador e de sua família. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 10, n. 1, 2011. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/142>. Acesso em: 19 de Junho de 2020

HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Prod.**, São Paulo , v. 14, n. 3, p. 77-86, Dec. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132004000300009&script=sci_arttext. Acesso em: 25 de Junho de 2020

LANCMAN, S.; GHIRARDI, M. Pensando novas práticas em terapia ocupacional, saúde e trabalho . **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 2, p. 44-50,

1 ago. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13895>. Acesso em: 25 de Junho de 2020

CHIAVEGATO FILHO, Luiz Gonzaga; PEREIRA JR., Alfredo. LER/DORT: multifatorialidade etiológica e modelos explicativos. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 149-162, Feb. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832004000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 22 de Maio de 2020

CRITELLI, Dulce Mára. Analítica do sentido: uma aproximação e Interpretação do real de orientação fenomenológica. Dulce Mára Critelli. - 2. Ed. -- São Paulo: Brasiliense, 2006.

BERG, J.H. VAN DEN. O paciente psiquiátrico: esboço de Psicopatologia Fenomenológica. Campinas: Editora Psy, 2003

CARMO, Paulo Sérgio do. Merleau Ponty: uma introdução/ Paulo Sérgio do Carmo. - 2 ed. - São Paulo: EDUC, 2011.

MAY, Rollo, 1909 - A descoberta do ser, estudos sobre a psicologia existencial/ Rollo May; tradução de Claudio G. Somogyi. - Rio de Janeiro: Rocco, 2000

SAMARIDI, Isadora. O ser-no-mundo e suas possibilidades existenciais num contexto atual. 2001. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/306/o/Comisadorasamridi.pdf>. Acesso em: 1 de Junho de 2021

Dejours Christophe, 1949. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho/ Christophe Dejours; tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Ferreira. - 5º ed. ampliada - São Paulo: Cortez - Oboré, 1992

REIS, Róbson Ramos dos. A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 18, n. 1, p. 122-143, 2016 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302016000100007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 jun. 2021.

REHFELD, A. “Corpo e Corporeidade: uma leitura fenomenológica” Publicado na Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo, n.1 – 2004” [publicado com autorização do autor]. Disponível em: http://www.fenoegrupos.com/JPM-Article3/pdfs/rehfeld_corpo.pdf. Acesso em: 20 de Abril de 2021

JÚNIOR, João Ribeiro, 2003 - Introdução à Fenomenologia. EDICAMP, 2003

DARTIGUES, André - O que é a fenomenologia? / André Dartigues; tradução de Maria José J. H de Almeida. - São Paulo: Centauro, 2005

Hilgert, L. H. (2017). Por uma fenomenologia da linguagem. *Intuitio*, 10(2), 66-85. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4012.2017.2.29486>. Acesso em: 25 de maio de 2021

FILHO, Bento Marias Gonzaga. Cinema e Fenomenologia: sentido e sentimentos. XIII Congresso Internacional ABRALIC, 2013. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=193>. Acesso em: 27 de Maio de 2021

XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência, 3º edição - São Paulo, Paz e Terra, 2005